

Apêndice A

Relatos dos depoimentos recolhidos

Relatos

Os relatos a seguir foram colhidos de três formas distintas: os depoimentos A, B e C por meio de perguntas, respondidas por escrito e antecedidas por conversas informais. Essas informações levantadas foram cedidas por três pessoas que fizeram parte do cotidiano da E.E. Antônio Raposo Tavares, sobretudo na fase inicial de implantação do Curso de Formação de Professores; os depoimentos D, F, G, H, I são de pessoas que viveram a escola nas décadas de 70, 80 e 90, foram gravados em gravação de voz; o depoimento E foi retirado de uma gravação em vídeo realizada pela escola, na ocasião do aniversário de 50 anos, de um ex-professor que foi aluno da primeira turma do curso científico da escola na década de 50.

A primeira colaboradora estudou na Escola Normal do Colégio “Antonio Raposo Tavares”, guarda doces recordações de sua época de normalista registrando o orgulho advindo de participar dos quadros do tradicional colégio.

A segunda colaboradora foi contemporânea da primeira, estudando na mesma turma de normalistas. Mais tarde retornou à escola como professora de Educação Física e depois como professora da Habilitação Específica para o Magistério (HEM).

A terceira, formada em Sorocaba, iniciou seus trabalhos como professora da HEM, em meados da década de 70, participando de todo o percurso da escola até o momento de sua aposentadoria.

Nosso quarto colaborador foi diretor da escola no período de 1963 a 1976. O depoimento foi gravado (voz) e realizado em sua própria casa no dia 26 de novembro de 2009. A parte inicial da conversa não foi gravada, pois o professor disse que nunca tinha gravado uma entrevista. Depois de algum tempo de conversa solicitei novamente que o gravador fosse acionado o que foi permitido. O gravador ficou sobre a mesa, imóvel, no entanto, captou todos os ruídos como folhas de papel viradas, barulho da cozinha e outros que dificultam a audição da conversa.

O quinto depoimento foi colhido e registrado por uma equipe de professores da própria escola que desenvolveu um projeto de resgate da história do colégio por ocasião do aniversário de cinquenta anos da escola. O depoimento foi gravado em vídeo e encontrado no acervo audiovisual da escola. Trata-se de uma narrativa de vida de um ex-professor da escola que foi aluno da primeira turma do curso secundário científico do colégio, em 1955.

Nossa sexta colaboradora foi aluna do curso normal de 1996 a 1999. Seu depoimento foi gravado em gravador de voz na escola em que trabalhava em 2009. Faz parte das últimas gerações que frequentaram o Normal da escola.

Nossa sétima colaboradora (relato G) foi aluna da Habilitação Específica para o Magistério entre 1979 e 1982. Seu depoimento foi gravado em gravador de voz digital na escola em que trabalhava em 2010. Sua geração foi a que sentiu mais as incongruências da mudanças provocadas pela Lei nº 5692/71.

Nossa oitava colaboradora (relato H) foi aluna da Habilitação Específica para o Magistério entre 1983 a 1986. Seu depoimento foi gravado em gravador de voz digital na escola em que trabalhava em 2010.

Nossa nona colaboradora (relato I), diretora da escola E.E. Antonio Raposo Tavares nos últimos anos. Seu depoimento foi gravado em gravador de voz digital na própria escola em 2009.

Os depoimentos foram transformados em um texto narrativo na forma de relato.

Relato A

Nossa primeira colaboradora cursou na década de 60 o Ginásio e o Colégio (Curso de Formação de Professores Primários – CFP) no Colégio Estadual e Escola Normal “Antonio Raposo Tavares”. Considera que o curso foi muito bom, os professores eram de alto nível e os alunos interessados e integrados. As aulas eram ministradas no período matutino, inclusive aos sábados, e grande parte das meninas trabalhava no Bradesco (Cidade de Deus) como era o seu caso.

A maioria dos alunos era de Osasco, mas havia grande participação de jovens das cidades adjacentes tais como Barueri, Carapicuíba, Santana do Parnaíba, etc. Havia rapazes, a maioria de Santana do Parnaíba, que saíam de sua cidade após a 4ª série do ginásio em busca de prosseguir os estudos.

Durante o curso eram realizados estágios em escolas públicas durante a semana, ou aos sábados para os que trabalhavam. O aluno após autorização da Diretoria do Colégio assistia às aulas e fazia anotações e relatórios.

Segundo seu depoimento: “A minha turma foi a última a cursar o Curso Normal, pois no ano seguinte houve a mudança para “colegial”. Logo, a nossa atuação não foi muito forte (movimentos sociais e manifestações na escola). Não havia um grêmio significativo, pelo que me lembro, mas as normalistas eram respeitadas na cidade.”

O CENEART era considerado o melhor colégio não só da cidade como das cidades vizinhas. Era difícil conseguir uma vaga, pois havia o teste de admissão e muitos faziam um curso preparatório para prestar esse exame.

O mercado de trabalho era acessível para as pessoas recém formadas. Havia os concursos estaduais e muitos se efetivavam rapidamente. Dentro das escolas existia um plano de carreira e muitos se tornavam diretores ainda jovens.

Quanto ao curso superior, muitas garotas abdicavam dos estudos para se casarem e constituir família, pois naquela época era comum o casamento logo depois da formatura. Como não havia curso superior em Osasco, parte dos formandos tinha que se locomover para São Paulo, geralmente fazer um cursinho (o Objetivo foi o pioneiro) e disputar uma vaga em uma faculdade privada. Não há lembrança de ninguém que tenha frequentado a USP.

Relato B

Na década de 60, nossa segunda colaboradora cursou o Ginásio e depois o curso de formação de professores primários (CFP), no Colégio “Antônio Raposo Tavares”. Chegou a frequentar o Curso Clássico concomitantemente ao CFP, mas não o concluiu, pois já dispunha de um certificado que lhe permitia prosseguir os estudos em cursos superiores, e, depois que a polícia invadiu as dependências do colégio prendendo colegas de classe militantes, estudar à noite ficou complicado naquele momento.

Professora recém formada atuou por algum tempo como professora primária em uma escola particular enquanto cursava dois cursos superiores. Formou-se em Educação Física e Pedagogia. Isso foi possível, pois sua família contava com certo poder aquisitivo podendo bancar os custos do ensino superior privado.

Em 1974, retornou ao colégio trabalhando com a disciplina de Educação Física Feminina, nesta época, era muito difícil conseguir aulas na Habilitação Específica de Magistério (HEM), pois havia um grupo de professores consolidados que tradicionalmente trabalhavam nesta modalidade de ensino. Em 1982, trabalhou com uma disciplina denominada Programa de Informação Profissional e, a partir de 1983, passou a lecionar as matérias pedagógicas.

Segundo seu depoimento o curso de formação de professores era bastante tradicional com um corpo docente comprometido e exigente. Não havia, naquela época, ênfase nas disciplinas ligadas as metodologias de cada área de conhecimento, antes as aulas ficavam centradas em Didática. Havia uma preocupação com a formação mais ampla do “professor primário”. As aulas ocorriam no período matutino inclusive aos sábados. Quem quisesse trabalhar com a educação pré-escolar deveria fazer um curso especialização após o término do Normal, com a duração de um ano.

Depois da nova legislação educacional (5692/71) o curso se tornou mais enxuto, possuía quatro anos de duração, sendo dois anos para a formação geral do aluno e dois específicos para a Habilitação (HEM) já incluindo a especialização em pré-escola. Os professores tinham uma consciência sócio-política mais desenvolvida do que os dos anos 60, precisavam se manter atualizados e trabalhavam com disciplinas mais específicas.

Na década de 60, os alunos eram oriundos da classe média e podiam estudar sem a preocupação de garantir sua própria subsistência. Havia rapazes no curso, embora em menor número que as moças. Progressivamente, ao longo dos anos, a clientela escolar passou a pertencer a classe trabalhadora sendo que muitos alunos trabalhavam além de estudarem. A presença masculina diminuiu sensivelmente.

Os estágios a princípio, consistiam em um total de horas que deveriam ser cumpridas em observações de 1ª a 4ª séries do primário e em escolas especiais. Poderiam ser realizados em quanto tempo o aluno quisesse, ou pudesse, desde que estivessem prontos ao final do ano letivo e documentados para conferência do professor de didática.

Já na década de 80, os estágios eram orientados pelo professor de didática, realizados em escolas públicas e complementados por visitas a entidades que tivessem algo a oferecer para a formação do futuro professor. Havia reuniões semanais ou quinzenais, na escola, com o professor supervisor de estágios. Procurava-se a integração dos professores das metodologias com os de didática para que durante os estágios fossem aplicados, na prática, os conhecimentos e técnicas desenvolvidas em sala de aula. O último ano do curso era marcado pela realização de regências supervisionadas nos estágios.

As normalistas eram bastante atuantes em festas, campanhas, fanfarra, desfiles cívicos, teatro, etc. No grêmio atuavam os alunos de outras modalidades da escola. O CENEART era considerado como uma escola, embora pública, de elite principalmente, com relação aos alunos do período diurno, e, com excelente nível de ensino.

Os alunos conseguiam trabalho facilmente, inicialmente, nos bairros de periferia e, em pouco tempo, conseguiam vir para as escolas estaduais centrais ou municipais de São Paulo. Aqueles que queriam seguir a carreira como professores primários, por motivos variados, inclusive trabalhar apenas meio período (no caso das mulheres por causa do casamento e dos filhos) não buscavam o prosseguimento dos estudos nos cursos superiores. Os demais buscavam faculdades de seu interesse e tinham facilidade de ingresso, graças à sua boa formação em nível médio.

Relato C

Nossa terceira colaboradora foi professora na Habilitação Específica para o Magistério de 1º grau (HEM), na E.E.P.S.G. “Antonio Raposo Tavares” – CENEART – de 1975 até meados dos anos 90 quando passou a exercer o cargo de vice-diretora desta escola.

Seu histórico escolar foi escrito através de seu percurso de vida, fez o primário em São Caetano, o ginásio em Mairinque, o secundário em São Roque e o curso de Pedagogia em Sorocaba.

Recém formada conseguiu oito aulas de substituição na HEM (CENEART) e passou a trabalhar com as disciplinas de Sociologia, Teoria Geral da Educação e Supervisão de Estágio. Conta que naquela época a maioria dos professores que trabalhavam no “curso normal” eram efetivos.

As turmas eram constituídas na sua grande maioria de moças que contavam com uma estrutura familiar, humilde, mas empregada em diversos setores da sociedade. As famílias que podiam bancar os estudos das filhas matriculavam-nas no Colégio de Freiras (Colégio Nossa Senhora da Misericórdia) na cidade. As menos favorecidas iam para o CENEART, no entanto, na década de 70, as turmas eram boas em termos de acervo cultural, se poderia discutir assuntos sobre filmes, teatros ou exposições. Com o decorrer dos anos isto foi caindo. Havia poucos rapazes no curso.

Em 1975, por conta de uma lei (que ela não se lembrava bem, talvez algo da 5692/71), houve uma turma única que iniciou e terminou o curso num regime de quatro anos com direito a habilitação para trabalhar na pré-escola. No ano seguinte, esta estrutura foi alterada e esta turma caminhou sozinha os quatro anos, formando um grupo especial, pois os alunos não podiam ser remanejados e nem se poderia aceitar matrículas novas. A partir de 76 passa a se oferecer um ano de habilitação para a pré-escola. Pessoas formadas e atuantes na rede de ensino voltam para os bancos escolares para obter esta habilitação. A faixa etária e a composição social dos alunos se diversificam: há alunos novos e mais velhos, pobre e com recursos financeiros razoáveis.

No final da década de 80 esta habilitação é incorporada ao longo do curso e deixa de ser oferecida separadamente.

Em 1976, a escola se transforma em uma escola apenas de 2º grau, era a única a oferecer esta modalidade de ensino no município. A escola entrou num buraco negro e decaiu. O “curso normal” segurava a escola, mas a escola perdeu os parâmetros pedagógicos, chegava a receber 1200 alunos para a 1ª série do 2º grau. Tinha, ou era considerada a escola com a APM mais rica do Estado, no entanto, apenas com o 2º grau deixou de receber verbas que se destinavam, na maioria das vezes, para o 1º grau. A APM perdeu força e a escola se afundou.

A HEM tinha aulas à tarde e os estágios eram feitos no período da manhã, mais ou menos em 79 ou 80 houve uma turma noturna, esta fazia estágios aos sábados em uma escola de 1ª a 4ª séries que também tinha aulas aos sábados.

Em 1982, a escola comportava três vices e uma delas sem consultar o grupo de professores passou as aulas do curso normal para a manhã, desestruturando sem aviso a vida dos professores.

A partir de 1980, um novo diretor passa a receber outros níveis de ensino ampliando-os ao longo dos anos e diminuindo as classes de 2º grau. Para a nova administração, o importante era ter aluno na escola, são desestruturados espaços da escola para criar classes. A biblioteca e o laboratório são desmontados, os livros encaixotados; o auditório e sua videoteca destruídos. Nesta época, a escola contava com o 2º Grau, a HEM, 4 classes de 1º grau (duas de 7ª série e duas de 8ª série) no período da manhã. A tarde possuía duas salas de 5ª série e duas de 6ª série e o restante salas de 1ª a 4ª série, já por volta de 1992.

As alunas da HEM, saiam do curso praticamente empregadas. Muitas já trabalhavam desde a terceira série quando era consentido o trabalho como forma de estágio (que fora mudado mais tarde), muitas escolas particulares buscavam os formandos para compor seus quadros de funcionários. Muitas ex-alunas compõem até hoje os quadros da Diretoria de Ensino Estadual ou a Secretaria de Educação Municipal. A escola e o “curso normal” gozavam de muito prestígio que foi decaindo ao longo dos anos.

As alunas dificilmente se engajavam em movimentos sociais na cidade, se preocupavam apenas com o curso e, às vezes, participavam, das manifestações de greves dos professores.

A maioria prosseguia os estudos buscando o curso de pedagogia na Campos Sales, não tendo dificuldade alguma em acompanhar o curso superior, aproveitando inclusive muitos trabalhos realizados na época do “curso normal” na faculdade.

É possível perceber que no decorrer de alguns anos, houve muitas mudanças no “curso normal” e estas decorrem da mão-de-obra disponível no mercado de trabalho, quando há muitos professores de 1ª a 4ª séries formados, o tempo de formação do “Curso Normal” é mais longo, dificuldades são acrescidas. Quando há falta de professores, a formação é acelerada e facilidades são criadas.

Relato D

Depoimento gravado em gravador de voz digital em novembro de 2009 (arquivo pessoal)

Inicialmente, foi perguntado se o professor era de Osasco, o professor explicou que ele era formado no Curso Normal e a única matéria que permitiam que fosse lecionada ao ensino secundário, era a de Trabalhos Manuais. Ele lecionou no ensino secundário em vários colégios do interior e depois foi convidado a ser inspetor ajudando a implantar escolas. Quando houve o concurso para diretor, ele passou e escolheu o Colégio Antonio Raposo Tavares em Osasco que tinha acabado de mudar para um prédio próprio. Não se lembrou de nenhuma informação que envolvesse a construção desse prédio.

Sobre o curso Normal, o professor cita que foi uma lei de 9 de abril de 1964 que criou o curso de Formação de Professores Primários. Questionado se havia alguma solicitação sobre a criação desse curso, o professor descreveu que oficialmente não havia nenhum pedido, principalmente, por parte da escola, mas poderia existir algum movimento de alunos. Eles só souberam que foi criada, porque era uma necessidade de toda essa região. O professor mostrou um encarte com a legislação de todas as leis de criação do colégio organizadas em ordem cronológica desde 1950, o folheto foi confeccionado em 1968 para comemorar o dia do colégio em 28 de outubro.

Questionado sobre qual a razão da escolha dessa data, o professor explicou que naquela época houve uma reunião com a Congregação, conselho formado por professores efetivos e representantes dos professores contratados pela lei 500 (o ex-diretor sugeriu que seria importante consultar o regimento interno dos estabelecimentos de ensino secundário para observar as atribuições dos professores no que se refere à Congregação). Nas reuniões da Congregação, os professores decidiam o que era melhor para a escola tanto na parte pedagógica como na parte administrativa e de modo geral. A data 28 de outubro, como dia da escola, foi proposta pela professora de história Helena Pignatari, pois segundo suas pesquisas seria o dia do nascimento do bandeirante Raposo Tavares. Então ficou essa data como dia de comemoração da escola.

Questionado se a escola fazia parte da vida social da cidade com a promoção de bailes pelas chapas do grêmio, a promoção de um concurso de rainha dos estudantes, o professor explicou que não. Por exemplo, o concurso de rainha dos estudantes não era só do colégio. Na ocasião havia três escolas importantes: CENEART, Colégio Misericórdia e o Colégio Particular Duque de Caxias, o colégio Bradesco foi criado um pouco mais tarde. Existia o Grêmio e eram eles que promoviam esses eventos: o concurso de Rainha dos Estudantes, a eleição das chapas – isso tudo com uma participação bem democrática. Na cidade foi criado a União dos Estudantes de Osasco (começou a parte política), esses sim, usavam as escolas para fazer política. Foi aí que surgiu o Francisco Rossi (ex-prefeito), o Antiório e outras pessoas com grande enfoque político que passaram pela União dos Estudantes de Osasco.

Existia também a Fanfarra, quando chegou à escola, a fanfarra já estava formada e os estudantes participavam de todas as solenidades, festas, faziam desfiles da cidade, desfiles de 7 de setembro, qualquer evento que houvesse necessidade, a fanfarra participava. Sobre o

nome da Fanfarra “Laerte Rizardi”, o professor explicou que Laerte Rizardi era um estudante que fazia parte da fanfarra e morreu, na ocasião, os estudantes quiseram homenageá-lo. Sobre o nome da biblioteca, o professor explicou que Messias Freire foi um professor da disciplina de Português que faleceu e foi homenageado pela escola com a escolha de seu nome para a biblioteca.

Sobre a atuação da escola, o professor coloca que a escola era muito atuante, começou a promoção de feiras de ciências, na verdade, em toda a nossa região as primeiras feiras de ciências que surgiram foram em nosso colégio. Isso era um incentivo aos alunos a se dedicarem aos estudos e apresentarem experiências ao público. A feira era bem grande, os pais dos alunos compareciam e isso serviu de exemplo, pois depois as outras escolas começaram também a fazer estas feiras.

Os alunos do curso de formação de professores participavam desses eventos? Como o professor ficou indeciso, perguntou-se sobre o horário de funcionamento do curso. O curso funcionava no período da manhã e à tarde os alunos faziam os estágios. A professora de didática é que estabelecia a parte de estágios, os trabalhos que eles tinham que fazer. Sobre a atuação dos alunos na escola, o professor nos contou que os alunos do curso de formação de professores ficavam mais preocupados com seus trabalhos de curso, participavam da feira de ciências na parte pedagógica, faziam demonstrações, mas da fanfarra não havia nenhum integrante do curso normal. Era um curso não tão integrado na vida dos demais alunos.

Questionado sobre o nível social desses alunos do curso normal, o professor não tinha muitas informações: disse que a maioria era mesmo de Osasco, eram pessoas da classe média e muito aluno vinha de longe, tinha aluno até de São Roque. Carapicuíba, Lapa, Pinheiros. Esses alunos eram atuantes na área deles: faziam excursões, visitavam museus, visitavam entidades, Bradesco (Foto do grupo diante da Maria Fumaça).

Sobre o grupo de professores da escola que estão levantando a história da escola, o professor citou que há outros grupos atuantes que estão querendo levantar a história de Osasco: há um grupo que em outubro (último) fizeram uma reunião com ex-alunos dos anos 70 e a cada reunião o número de alunos aumenta e os alunos vão se unindo.

A escola foi bastante marcante, a escola era muito integrada com os alunos, com a sociedade, a escola era considerada muito boa. O nível de ensino era muito bom. Naquela época havia o clássico e o científico, os alunos que faziam o curso colegial, não precisavam fazer cursos preparatórios para entrar na faculdade: entraram na USP, entravam no ITA, eram muito bem preparados. O nosso ensino naquela época era excelente tinha o Emir Macedo, a Helena Pignatari, a professora de Francês, o Alcyr Porciúncula que dava desenho geométrico próprio para o vestibular.

Sobre as atas da APM publicadas no jornal “A região”, o professor não se lembrava, e disse que talvez fosse notícias. Sobre a preocupação de se oferecerem cursos aos pais de Psicologia do Adolescente e sobre uma sala de preparação para o trabalho em escritórios. O professor mostrou uma notícia publicada no jornal “A folha de São Paulo” em 1974, sobre o esforço da escola em implantar as reformas de ensino com salas de qualificação profissional. Então, *“...a lei federal 5692, que fez uma reforma de ensino, ela acabou, ela mudou a estrutura da escola, acabou com aquele colégio clássico, científico e criou três áreas ciências exatas, letras e ciências biológicas e entrou a escola normal como formação já de parte profissionalizante, agora depois disso houve, quase concomitantemente, a parte do ensino fundamental, o governo do estado criou o ginásio pluricurricular, então, era uma integração de várias matérias isso no primeiro e segundo ano, no terceiro e quarto queriam um curso semi-profissionalizante. Foram nessas salas de terceiro e quarto ano que criou-se sala de escritório, tinham máquinas de datilografia e tinha um professor que lecionava noções de contabilidade. Na outra sala tinha aulas de artes industriais e economia doméstica. A sala de artes industriais foi montada pelo governo do estado, mandaram equipamentos para fazer*

trabalhos em cerâmica, forno para queimar cerâmica, pintura modelagem, tinha professora de economia doméstica, professor de artes industriais, professor de contabilidade, datilografia. Então, houve uma série de mudanças e a escola procurou se integrar e incentivar. Na área de contabilidade foi criado uma espécie de banco para os alunos entenderem a movimentação depósito, saque essas coisas. Tínhamos o presidente da APM, o Sr. Lourenço que era também muito atuante, como pai participava e gostava de divulgar as coisas na imprensa – ele gostava de aparecer e levava as notícias no jornal. O Forno industrial ficava numa salinha pequena debaixo da escada, foi pouco usado apenas uma demonstração, pois era perigoso mexer com aquilo. Ficava no prédio anexo. No fundo da escola, perto do galpão havia uma sala grande e foi ali que foi instalada as salas de artes industriais, eram oficinas, economia doméstica. Elas foram construídas para essa finalidade fora do prédio principal e foram equipadas pelo governo do estado que adotou essa nova estrutura de ensino profissionalizante. Essa experiência durou enquanto se manteve o mesmo governador, quando mudou o governador já mudaram de filosofia”.

A escola foi mantendo aquele ritmo até que algum governo mudou de novo os cursos, o sistema. O professor ficou como diretor da escola até 1976, depois ele se afastou para trabalhar da Divisão Regional de Ensino como assistente técnico. Em 1979 foi convidado a ser Delegado de Ensino até 1981, e depois, retornou a Divisão Regional de Ensino como assistente técnico até se aposentar em 1985. Uma turma de 1979 convidou-o para a formatura, “*um convite bonito*”. Depois disso teve muita mudança, mudou muito os diretores, a cada três meses mudava de diretor. A dona Jandira que era professora do normal chegou a ser diretora, primeiro assistente e depois diretora.

Os alunos do curso normal depois que se formavam continuavam o curso superior ou paravam? Na parte do curso normal o professor não sabia, pois o que se sabia eram notícias que ex-alunos mandavam avisando que estavam em algum curso superior. Agora, no normal isso não era comum. Alguns alunos do curso normal na reunião em outubro comentaram que tinham feito curso superior.

E sobre o mercado de trabalho o diretor contou-nos que o mercado de trabalho para os alunos que se formavam no curso normal era aberto e era procurado. As escolas tinham como referência o CENEART e procuravam os alunos.

Na opinião do diretor, o ensino foi modificando e melhorando, houve um período de decadência, mas foi uma questão de excesso de alunos e falta de professores, como não havia professores formados, o MEC autorizou a contratação de engenheiros, pessoas para atuar no segundo grau com formação universitária. Então apareceram engenheiros, advogados e era difícil conciliar a parte pedagógica com o conhecimento deles. Eles sabiam muito, conheciam muito mas na hora de transmitir havia falhas. Cresceu o número de alunos das mais diversas origens alguns de escolas melhores, outros de escolas mais fracas. Naquele tempo, havia o exame de admissão depois passou a existir sempre algum tipo de seleção porque a procura era muito grande, não havia como atender a todos.

Essa seleção era feita no 2º. grau, o professor não se lembra como faziam com a 5ª. série. Tinha o primário anexo que foi criado na mesma época da Escola Normal, servia de estágio para o curso de formação de professores, foram criados juntos, justamente como laboratório dos alunos do curso normal. E o primário funcionava com uma direção diferente, mas subordinada a direção do colégio. Esses alunos saíam da quarta série e continuavam no 1º. ano do ginásio.

Questionei sobre o que eram as extensões: “*as extensões eram uma aberração!*”. O que acontecia é que havia muita procura pelo CENEART. Havia um excesso de alunos, então, faziam uma pesquisa sobre a origem desses alunos, então digamos, que a maioria fosse do Vila Yara, então como não cabia no CENEART e não se sabe porque motivo não podia criar outro ginásio, então inventaram uma extensão, ou seja, o CENEART, era responsável por

aquela escola, ou seja, era um grupo escolar do estado e o ginásio funcionava a noite. Durante o dia funcionava o primário e à noite era o ginásio. Por exemplo, a extensão do Max Zedron: os alunos daquela região eram matriculados lá, ou seja, os alunos faziam inscrição no CENEART e o CENEART encaminhava para lá. O CENEART enviava os professores para aquela escola, era designado um escriturário para fazer o serviço de secretaria, mas era tudo subordinado ao CENEART. Criou-se extensão da Vila Yara, do Larizatti, do Jardim Aliança, do Independência, voltou a extensão do Bittencourt. Em cada um deles, havia um professor designado para responder pela direção. As extensões tinham vida própria, e lá faziam tudo, não era difícil administrar, mas tudo entrava no computo geral do CENEART. Que chegou a ter 6 mil alunos com as extensões, só que o trabalho não era tão grande. Os professores que lecionaram naquela época, naquelas escolas, que quiserem buscar algum documento tinham que buscar no grupo escolar, pois o arquivo ficou todo no grupo escolar quando a extensão foi extinta, houve uma época que o grupo escolar absorveu o ginásio.

Essas extensões funcionaram, atenderam bem a demanda da época, cumpriram o seu papel. O professor separou alguns jornais: Artigo de falecimento do professor Emir Macedo. O ginásio de esportes da escola foi construído pela Associação de Pais e Mestres. Artigos de inauguração do ginásio. História do diretor. Caricatura do diretor feita pelo professor Alcyr. Em 1995 houve a comemoração dos 45 anos do CENEART. Mostrou fotos da confraternização de 50 anos de CENEART. Havia também o “Jornormal” era editado pelos alunos do curso normal. O Raposão era editado pelo Grêmio e o Bacamarte também era do Grêmio. O “Jornormal” era dos normalistas só teve três números.

No período noturno havia muitos alunos trabalhadores das indústrias da região.

A ditadura interferiu na vida da escola que deixou de atuar em bailes, em eventos da cidade. A ditadura interferiu bastante, tudo que era proibido no Brasil, era proibido aqui. A escola era investigada diariamente, não pode afirmar que havia algum espião dentro da escola, mas sempre recebia visita dos militares. Eles questionavam sobre as matérias, queriam saber sobre as matérias que os professores davam na sala de aula. A professora Helena Pignatari foi detida, eles acharam que ela estava pregando a revolução. Eles queriam ter prioridade no atendimento, uma vez levaram o diretor para o quartel e ele ficou um dia inteiro de molho no quartel. O caso foi o seguinte, veio uma senhora e era tempo de matrícula então, tinha aquelas filas enormes para atender mães, essa senhora quis entrar na frente de todos porque queria matricular o filho. O diretor explicou que havia muita gente esperando na fila e que ela tinha que aguardar a sua vez, a mulher retrucou informando que era a mulher do capitão fulano de tal. O diretor bancou o durão, não atendeu a senhora na frente, explicou que ela deveria aguardar a vez que ele a atenderia com prazer. A senhora foi embora e depois de meia hora apareceu um jipe com um tenente e dois soldados e o convidaram para ir à Quitaúna conversar com o comandante. Levaram o diretor e o assistente, ambos ficaram numa sala, ficaram lá aguardando que o comandante viesse conversar. Ficaram por umas seis horas. Das 9 horas da manhã até 4 horas da tarde aguardando. O coronel foi muito educado, mas exigiu prioridade, pois os comandados dele tinham que entrar no serviço, não podiam sair, não podiam perder tempo e tal. O diretor pediu desculpas e foram dispensados. E era sempre assim, constantemente. Aí introduziram a disciplina de Educação Moral e Cívica, mandaram gente de lá, um capitão para dar aula na escola, foi uma via, na opinião do diretor, dos militares acompanharem o que acontecia na escola.

Questionado se esses fatos ocasionou a baixa participação dos estudantes no período posterior à ditadura, o diretor explicou que o grêmio era bem atuante, então estudantes que participavam do grêmio, alguns também eram sindicalistas alguns foram presos e outros desapareceram até hoje. Existem alunos do CENEART que estão desaparecidos. Depois o governo alterou a própria estrutura de formação do Grêmio, houve novas instruções para a formação do Grêmio. Antes o grêmio era livre, os alunos se reuniam, montavam as chapas,

elegiam, apresentavam para o diretor: a chapa do Grêmio é essa e tal. Eles trabalhavam junto com a escola, mas tinha uma independência total embora fossem subordinados ao diretor. Depois começou a ter novas exigências para a formação do Grêmio e seu funcionamento, o Grêmio passou a ser mais controlado, não tinha tanta liberdade.

Havia três números do "Jornal", era o professor de português Milton Melo que orientava os alunos na confecção do jornal que era custeado pelos patrocinadores.

A biblioteca foi formada com o material enviado pelo governo do estado, havia também doações de particulares e a associação de Pais e Mestres comprava os livros mais indicados pelos professores.

A escola dispunha de coral, participava de campeonatos, fazia excursões. O uniforme era bastante marcante o agasalho era cinza com o motivo do CENEART bordado em vermelho. As garotas usavam saia azul marinho e blusa branca. Para os alunos do noturno que vinham direto do trabalho usavam capa branca. Depois o uniforme foi proibido por ordem emanada da secretaria.

Havia fatos corriqueiros como um professor que ia beber com os alunos depois da aula no bar da esquina, prof. Napoleão. Se fazia o festival de música na escola também. Cada aluno compunha sua música, era a época dos grandes festivais da Record, e passaram a fazer esses eventos e participavam alunos de outras escolas. Era chamado de Festival de Musica Estudantil.

Quando o diretor da escola chegou já havia o hino da escola. Conta-se que havia o professor de latim e a esposa era professora de música, ela era efetiva. Então, ela explicou que precisava compor um hino para o colégio, ela era de Piracicaba. Nesta cidade havia um poeta compositor destacado e ela pediu para ele compor o hino do colégio. Enviou toda a matéria do colégio e ele escreveu o hino. Existia um original da música que ele escreveu a mão, inclusive a pauta colocada num quadro, ficou exposto na diretoria por muito tempo. Depois desapareceu e quem guardou, guardou muito bem guardado.

Na verdade, enquanto houver um professor ou aluno que mantém a tradição da escola, há um resgate, mas quando não houver mais ninguém a história da escola se perderá.

O professor deu muito material para a comissão que trabalhou com o resgate dos 50 anos de história do CENEART. As duas meninas, o rapaz do jornal "Município em Marcha",

A esposa trabalhou na extensão do Max Zedron que começou com 5as. e 6as. séries e depois foi ampliando.

Contou-se de um período que a escola se transformou apenas em escola de segundo grau. Na opinião do diretor, essa foi uma mudança que o governo entendeu de fazer e acharam que o CENEART deveria comportar só o segundo grau. Para ele, foi nessa reforma que o ensino começou a cair de modo geral. Foi a tal democratização do ensino, queriam colocar mais alunos nas salas e abrir o quarto período e sem investir na construção de prédios e na admissão de professores, então foi uma maneira que eles encontraram de querer resolver o problema. O CENEART, foi obrigado a receber alunos de toda Osasco, os alunos saiam da 8ª. série e procuravam as poucas escolas de 2º. grau. Os alunos vinham muito desnivelados. Era muito heterogêneo, não tinha como. Não havia seleção para entrar, os alunos eram matriculados até atingir a capacidade da escola, não tinha prioridade nem para quem morasse mais perto, as vagas eram para quem chegasse primeiro. Na véspera do dia da matrícula era comum formar acampamentos perto da escola. As pessoas passavam a noite na fila a fim de garantir uma vaga no colégio. Foi uma pena, mas o diretor não fotografou, "*era um absurdo!*".

Na inauguração do curso normal, apareceu na escola o deputado Walter Auada e seu assessor Fernando. Eles compareceram então, o diretor acha que foi pedido desse deputado, pois ele fez questão de aparecer nesta festa e não foi convite da escola. Havia esta parte política, porque quando inaugurou a escola, o governo entregou o prédio vazio, não havia

material didático e nem mobiliários e nem funcionários. Então, o Adhemar de Barros nomeou os funcionários e todos foram indicação desse deputado. Seu assessor Fernando era casado com Dna. Eugênia que foi diretora do Max Zedron quando foi instalada a extensão. O diretor acha que devia ter algum pedido desse deputado que era filho do Fuad Auada, dono da galeria.

Quem construiu o prédio do CENEART foi o Carvalho Pinto que esteve presente na cerimônia de inauguração. No final do ano foi eleito o Adhemar de Barros que fez a nomeação dos funcionários. Mas sobre essa parte de envolvimento político o diretor realmente não conhece.

O professor possui alguns filmes de 8mm gravados na escola, mas o professor não possui nenhuma forma de reproduzir os filmes para descobrir o que está gravado.

Relato E –

Depoimento dado pelo ex-aluno e ex-professor de biologia da escola, ao grupo de pesquisa da E.E. Antonio Raposo Tavares para o projeto “CENEART – 50 anos”, desenvolvido em 2000

Nascido no km 18, em 17 de maio de 1936 , nunca saiu deste bairro. Hoje mora no Jardim das Flores. *Fiz a primeira série do antigo curso primário numa escola em Quitaúna na qual era servido uma merenda preparada pelo Quartel. Isso era uma novidade na época. O que eu mais gostava, era quando vinha na merenda broinha de fubá com manteiga e açúcar: “..era uma delícia !”.*

Depois fiz as demais séries do primário no Grupo Escolar Marechal Bittencourt que ficava na rua Primitiva Vianco, onde hoje é, aproximadamente, a galeria Fuad Auada. Era um prédio de madeira.

O Diretor era Guido Morone que o incentivou a continuar os estudos e fazer o ginásio. Acabou fazendo na Lapa no ginásio Anhanguera que estava iniciando suas atividades. Osasco não tinha um curso ginásial. Estudou para o exame de admissão com esse professor Guido Morone e todos os alunos que estudaram com este professor conseguiram passar. O Anhanguera ficava na rua Clélia onde hoje está a escola Pereira Barreto. Ali terminou o ginásio e, em seguida, foi fazer o curso colegial em Pinheiros no colégio Fernão Dias, na rua Pedroso de Moraes. *“Em Osasco não havia curso colegial. Fiz a primeira e a segunda série, fui reprovado por uma razão evidente: no meio do caminho havia dois cinemas e eu acabava indo mais no cinema do que na escola. Acabei vindo para Osasco porque já havia sido instalado o curso colegial no colégio Estadual Antonio Raposo Tavares. Aí, fiz o segundo e o terceiro colegial, me formando em 1955, era uma turma muito pequena com seis alunos. A sala era adaptada e ficava atrás do palco. Os alunos que se formaram foram: Cid Sérgio de Alcântara Fon Vult Camer já falecido, chegou a ser vereador em Osasco e trabalhava na Eternit; Doutor S. Takimoto médico; Mario Saek (não sabe o que faz atualmente) ; João Paulo Luciano de Melo advogado; Luis Sergio Zanarde já falecido e Manoel da Silva que deixou de lecionar no CENEART há dois anos (depoimento colhido em 2000). Voltei para trabalhar no CENEART como professor no dia 17 de agosto de 1964. Se estivesse ainda em atividade esta semana estaria completando 36 anos de atividade no CENEART, com os dois anos do curso colegial seriam 38 anos. O que me dá muito orgulho, porque sempre amei esta escola desde o tempo de estudante e, principalmente, no tempo de professor. Depois do colegial, uma professora de química chamada Hemógena Euracles de Jesus Cesar me incentivou a fazer o cursinho dado pela USP que era mais barato na época e funcionava na rua Martinico Prado - São Paulo - travessa da Avenida Angélica, pois meu pai não tinha condições de pagar cursinho, já que era motorista de uma firma e ganhava muito pouco para*

atender aos 7 filhos. Fiz esse cursinho e consegui ingressar na faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, no curso de Ciências Biológicas e de lá acabei, em 1964, ainda como aluno, vir substituir a professora Escolástica Marinho Aguiar. Esta professora havia entrado de licença por três meses e eu permaneci até 15 de dezembro de 1964. Retornei novamente em março de 1965, para não mais deixar o CENEART, continuando até me efetivar e depois até me aposentar.

A luta para estudar na Lapa:

Para estudar na Lapa era preciso se locomover de trem. Naquela época, os primeiros trens eram por volta de 5 e meia, 6 horas, 6 e meia. Saíam apenas de Osasco para São Paulo. Quem quisesse chegar mais cedo em São Paulo era obrigado a vir do bairro onde morava que, no meu caso, era o Km 18, para pegar esse trem que partia mais cedo. Então, muitas vezes, quando tinha aula de Educação Física, isso ocorria duas vezes por semana e a aula de Ed. Física começava às 6 e meia da manhã, vinha no cano da bicicleta do meu tio, que trabalhava no antigo cotonifício Beltrano, o pessoal chamava de fábrica de tecido, me trazia até a estação para que pudesse chegar a tempo para a aula de Educação Física. Então durante, três anos, porque na primeira série isso não acontecia, eu ia dormir na casa da minha avó e o tio que morava com ela trazia até a estação. Essas aulas de Ed. Física eram muito puxadas, na época, inclusive, havia prática de boxe, de atletismo, de voleibol, eram coisas que eram obrigadas a fazer. Eu me lembro que quando fui obrigado a praticar boxe, no primeiro assalto conseguiu fugir o tempo todo, mas no segundo não teve jeito, levou um tapa na orelha que fiquei fora e não quis saber mais dessa brincadeira. Quando ia para o antigo ginásio existia um uniforme amarelo com botões pretos e esse uniforme era obrigatório. Era uma calça amarela, um blusão amarelo, camisa branca, gravata preta, sapato preto e meia branca. Uma vez chegando na porta da escola, um colega entre aspas, muito maldosamente, desamarrou o nó de minha gravata e eu fui obrigado, naquele momento, a aprender a fazer um laço de gravata, que era feito por minha mãe e até hoje não esqueceu – aquele laço que aprendeu fazer naquele dia, ele faz até hoje, pois naquela época não entrava na escola se não tivesse com o uniforme completamente em dia, limpo e completo. Na aula, ficavam nas carteiras sem poder se levantar, só se levantava no instante que o professor entrava e ficava aguardando o professor cumprimentar e dizer podem sentar. Então, era, realmente, uma disciplina muito rígida. Ninguém ficava na porta da sala de aula. Uma vez a classe fez uma peraltice jogando papelzinho contra o forro com elástico, ficava grudado. Os estudantes saíam rapidamente, pois tinham que pegar o trem na Lapa e como a escola era na rua Clélia, era um pouco longe até chegar na estação da Lapa que era num local diferente de onde é hoje. Era próximo a um local chamado Tendal onde ficava armazenado a carne do gado que era morto aqui na estação do 21. Então, a gente tinha que se locomover muito rapidamente para poder pegar o trem. Assim que fomos saindo o inspetor da época segurou a classe inteira e olhou fixamente para mim, na época, eu pesava por volta de 50 quilos. - “Menino vá até lá embaixo buscar uma escada” – Eu tive que buscar uma escada que pesava muito, subir dois lances de degraus do antigo ginásio Anhanguera que hoje é o Pereira Barreto e essa escada era de abrir (duas partes) e foi colocada no meio da sala. O inspetor foi chamando um por um para que subisse até o teto e retirasse os papelzinhos grudados. Resultado: perdeu o trem chegou atrasado em casa e ainda tomou um sopapo de seu pai. Porque, naquela época, o pai não queria saber, se viesse um problema, uma reclamação da escola o pai sempre dizia - aliás todos os pais, era uma norma entre eles – primeiro eu te bato depois vou perguntar o que aconteceu. Então, tinha que tomar muito cuidado, porque a disciplina era muito rígida.

Era muito interessante, na época, a gente pensar no seguinte: a facilidade que a gente tem para adquirir livros, apostilas ou xerocar documentos da escola ou coisa parecida. Naquela época para comprar um livro era uma coisa muito difícil, e tinha que ir para a

cidade para buscar aquele livro, eu me lembro muito bem do primeiro atlas que eu tive nas minhas mãos vim com ele no trem debaixo do braço todo feliz da vida, se achando a figura mais importante dentro daquele vagão, que todo mundo olhava para ele e perguntava o que era aquilo. Aquilo era uma novidade muito grande na época, poucas pessoas tinham o poder de conseguir um livro.

Também era muito difícil conseguir ingressar numa escola ginásial em virtude do chamado exame de admissão eram muitos candidatos, poucas vagas. Então era uma fase muito difícil para conseguir a continuidade dos estudos. A maioria parava, no antigo primário, na quarta série do primário e, daí para frente, era muito difícil voltar estudar. Era muito difícil conseguir uma vaga na escola gratuita, então a concorrência era muito grande. Hoje melhorou um pouco, mas eu acho que ainda, precisa melhorar mais ainda para que todos tenham acesso a educação. Ela é a base de tudo, é o maior tesouro que um pai pode dar ao filho porque ninguém pode tirar esse tesouro. Só quando ele for chamado para outra atividade no plano espiritual. Ele disse ainda que assim que concluíram o curso ginásial, eles foram para outra etapa que era conseguir fazer o colegial. Esse colegial foi conseguido em uma escola em Pinheiros, Osasco ainda não tinha uma escola com curso colegial. E lá fez o primeiro e segundo ano e terminou no CENEART, em 1955. No CENEART o que havia de importante era que os anos letivos sempre iniciavam com uma peça teatral, isso era devido ao trabalho incessante de uma professora muito importante para Osasco, a professora Helena Pignatari, que sempre incentivou os alunos a participarem do teatro. Não só indo assistir peças que estavam sendo lançadas como também fazer teatro dentro da própria escola. Se lembra que em 1955, o ano letivo foi iniciado em março com uma peça chamada “O Imbecil” de Luigi Pirandello, nessa peça participaram vários alunos entre eles Heitor Cerigalia, hoje jornalista, morador de Osasco, nascido em Osasco há muito tempo atrás, provavelmente tem a mesma idade do professor.

Quando o professor fez o antigo ginásio, hoje ensino fundamental, foi prestar a seleção para ingresso na primeira série do ginásio Anhanguera na Lapa, era muito concorrido, mas todos aqueles que eram de Osasco e alunos do professor Morroni conseguiram ingressar. Era obrigatório o uso de uniforme amarelo com botões pretos, camisa branca, gravata preta, meias brancas e sapatos pretos. Era obrigatório o uso do uniforme completo. Eu disse amarelo, na realidade, era um uniforme cáqui, semelhante ao usado pelos carteiros na época, inclusive. Esse uniforme era para eles um motivo de muito orgulho, ele se sentia muito feliz, pegando aquele trem lotado da antiga estrada de ferro Sorocabana e descendo ou em Domingos de Moraes ou na Lapa e de lá se dirigindo a pé até o Anhanguera que ficava na Rua Clélia, uma distância muito grande. Muitas vezes, desciam na Domingos de Moraes porque a passagem até ali era mais barata e dali seguiam a pé ou pegavam o bonde Anastácio que ia até o final na Rua Barão de Jundiáí, então desciam e andavam alguns metros e já estavam dentro da escola. A disciplina era rígida, os alunos não saiam de suas carteiras somente se movimentavam, no instante que o professor adentrava na sala de aula, todos se levantavam aguardavam a ordem do professor para se sentarem novamente. Ninguém circulava pela sala, ninguém saía sem a ordem do professor e assim que o sinal batia, saiam em absoluta ordem para ir para casa.

O colegial, o professor começou cursando no colégio Fernão Dias em Pinheiros e terminou no CENEART, o segundo e terceiro anos em 1955. Era obrigatório o uso de terno e gravata. Eram, também, obrigados a cantar o hino nacional pelo menos uma vez por semana, além disso, tinham na aula de canto a obrigação de saberem todos os hinos, os principais hinos, como canção do estudante, canção do marinheiro, hino da Proclamação da República, hino à Bandeira, hino da Independência, entre outros. Estes hinos eram obrigatoriamente sabidos de cor para que pudessem tirar notas na disciplina de canto. Tivemos aqui no CENEART, durante o tempo que aqui estive, um trabalho de grupo de alunos muito

importante, fundamos um clube de química, graças ao incentivo de uma professora chamada Hemógena Euracles de Jesus Cesar, que na época também era professora da escola técnica geral e professora que participava das bancas de concurso de ingresso então realizados, normalmente, no colégio Roosevelt em São Paulo. Essa professora, todos os sábados, reunia os alunos, do colegial daqui, em sua casa para discutir os problemas do clube de química, eram trabalhos que tinham que ser feitos pelos alunos sobre diversos cientistas e diversas artes em relação a parte química. Esse clube persistiu durante muito tempo e depois surgiu também, o clube de biologia que também permaneceu aqui durante muitos anos.

Nessa época, nós tínhamos nas festas juninas a organização de grandes festas aqui dentro, inclusive com o famoso casamento, a quadrilha era encerrada com o casamento caipira. Essas atividades eram coordenadas por um aluno Heitor Cerigalia, hoje jornalista, e chegavam a alugar uma charrete para buscar a noiva em casa já devidamente vestida trazendo até o local onde a festa estava sendo realizada para efetuar o célebre casamento após a dança da quadrilha. Era uma festividade muito comemorada, muito aguardada, muito esperada e cheia de vontade de diversão, única e exclusivamente. Havia um espírito de companheirismo entre todos os alunos e uma vontade enorme de se aprender.

Depois que terminou o colegial, foi encaminhado para alguns cursinhos para que pudesse ingressar na faculdade. Esse incentivo foi dado mais uma vez pela professora de química que incentivava a todos, a todo instante. O professor acabou fazendo biologia por influência dessa professora, pois ele havia feito um trabalho de química que foi um dos melhores trabalhos do grupo e a professora o presenteou com um livro de biologia, na realidade abordando o tema zoologia, e foi muito importante, pois ele ficou muito encantado. Era um livro em castelhano, que para ele era uma extrema novidade na época, nesse livro tinha um verso que ele não se lembra totalmente, mas sabe que uma das frases dizia: “*sofres, mas não declines da confiança que o (sereno ?) exerce no futuro; o bem é uma subida que não cansa*”. Aquilo deixou o professor muito entusiasmado, perguntando a professora como se fazia para estudar biologia. A professora o levou até a USP e mostrou como funcionava o curso, o encaminhou para um cursinho que era dado pelo grêmio da antiga Maria Antonia e ali o professor fez todo o cursinho, não conseguiu ingressar no primeiro ano porque naquele ano estava entrando pela primeira vez física e química e ele não havia se preparado, então não conseguiu passar em física e química. No ano seguinte, se preparou e acabou ingressando e aí foi para frente, seguiu a carreira, resolveu optar pelo magistério. Carreira que desenvolveu durante 34 anos – 35 anos e que, se Deus quiser ainda quer continuar pelo menos por algum tempinho porque realmente ele se adaptou muito bem a esse tipo de trabalho.

O professor gostaria de contar como faziam para chegar no CENEART, que na época ficava onde hoje é a EMEF “Marechal Bittencourt”, eles se reuniam um passando na casa do outro e iam a pé até a escola. *O professor morava no KM 18, trabalhava com o pai em um armazém na época, chamado de “Mercadinho Santo Antonio”, aí trabalhou por muito tempo. No final da tarde, por volta das 5: 30/ 6 horas ia para casa para se preparar para ir para a escola. Colocava terno e gravata que era obrigatório e chegava pela rua, hoje chamada de São Maurício, antigamente chamada de Rua das Cabras. Subia por esta rua até a casa do colega Heitor Cerigalia, passavam, em seguida, pela casa da família Fassanaro, Rômulo Fassanaro, Paulo Fassanaro e também suas irmãs Amélia e Risomar e iam todos a pé em direção hoje, ao Jardim das Flores, antigamente chamado de Pinheirinho, pela estrada dos pinheirinhos, atravessavam o córrego João Alves por uma pinguela e subiam em direção a atual TELESP, e dali chegavam até o Bittencourt. Assistiam as aulas até por volta das dez e meia da noite e novamente faziam o caminho de retorno sem problemas ou medo de assalto ou de violência. A única coisa que preocupava na época eram os cachorros que corriam atrás deles e também o gado que ficava esparramado pelo pasto onde hoje é o Jardim das*

Flores e o Fórum. Havia muito gado solto e, de vez em quando, tomavam grandes sustos de animais que saíam correndo diante deles, mas nunca houve problemas em relação à violência. Iam tranquilos e voltavam mais tranquilos ainda. Nos finais de semana costumavam se reunir para fazer os trabalhos pedidos pelos professores. Como não havia biblioteca em Osasco e o acesso a material didático era extremamente difícil, os pais não tinham recursos para comprar livros. Iam até a biblioteca central de São Paulo na praça D. José Gaspar e ali faziam as consultas que tinham necessidade. Era uma verdadeira viagem, tinham que pegar o ônibus até o Anhangabau e de lá se dirigir à biblioteca. Assim foi a vida durante o curso colegial, com muita amizade, com muita harmonia e, principalmente, com muito companheirismo.

Quando terminou o curso, a colação de grau ocorreu no pátio do Bittencourt, ali foi feita a festa de colação de grau. Não havia condições de realizar baile ou coisas parecidas. O curso ginásial tinha uma turma pequena o mesmo ocorrendo com o curso colegial que era apenas de seis alunos. A sua turma de colegial teve uma festa especial que foi realizada sob o patrocínio da professora Helena Pignatari na sua casa, atualmente, Vila Campesina. Ali ela levou todos os alunos, os professores da época e nos ofereceu a oportunidade de um convívio muito agradável, inesquecível até hoje. Aliás, era nessa mesma casa, coordenado por essa mesma professora, que era realizado os ensaios de teatro em todas as vezes que os alunos tinham que apresentá-lo nas festas de abertura do ano letivo do CENEART. Era uma tradição, a realização desse teatro, ou seja, essa abertura festiva do novo ano letivo. Eles também fizeram algumas apresentações, sob orientação dessa professora, em shows, como por exemplo no antigo cinema da igreja, no Bradesco e, principalmente, dentro do CENEART. Sempre faziam em ocasiões especiais apresentações de quadros humorísticos criados pelos próprios alunos. Isso foi uma grande experiência.

Ainda como aluno do curso de biologia da USP, quando iniciou o curso era chamado de História Natural depois passou a se chamar curso de Ciências Biológicas, ainda como aluno foi convidado a ingressar no CENEART em substituição a sua professora de biologia Escolástica Marinho Aguiar, que havia tirado uma licença de três meses. Então, começou no dia 17 de agosto e permaneceu até o dia 15 de dezembro de 1964. Perdeu as aulas para depois retornar em março de 1965 em substituição a outros professores que haviam saído e aí permaneceu como ACT durante muitos anos até se tornar efetivo em 1978. Permanecendo até o ano de 1998, como professor dessa casa. Neste período, teve a oportunidade, no início da carreira, de conviver com aqueles que tinham sido seus grandes mestres: Professor Alcyr, Professor Emir, Professora Helena Pignatari, Professora Cibele Valentino, Professora Marina França, Professora Marina professora de educação Musical, Professor Carlos e tantos outros professores que serviram, principalmente, como exemplo para que pudesse seguir aquilo que eles haviam lhe passado, não só a parte intelectual, mas, principalmente, a parte de conduta, a parte moral. Eram professores que amavam a carreira que exerciam e que conseguiram passar a seus alunos exemplos antes de tudo para que se tornassem cidadãos conscientes. Teve a chance de conviver com todos esses grandes mestres com todos aqueles alunos que fizeram parte de seu início de carreira, muitos hoje em cargos de grande importância nesse município e em outros locais desse país. *Na realidade, eu aprendi muito, muito mais a partir do momento que passei a ministrar aulas. “A gente na realidade não ensina, mas acaba aprendendo com cada um daqueles alunos que estão ali na nossa frente, tendo a mesma ansiedade que nós tivemos no início da nossa carreira, tendo as mesmas dúvidas, as mesmas dificuldades. Mas graças a Deus, consegui com a orientação que me foi passada na minha vida escolar, transmitir a esses alunos um pouco daquilo que eu havia recebido. Isso me encheu de muita satisfação e é motivo de muito orgulho nos dias de hoje quando reencontro esses alunos em cargos de muita responsabilidade não só em Osasco como em todo estado e em todo Brasil. A nossa vida como professor foi cheia de peripécias, tivemos problemas*

sérios, muitas greves, muitos problemas durante a época da revolução: alunos que foram retirados de nossa aula para serem arguidos pelas autoridades chamadas de competentes, mas que na realidade, nada tinham de competentes e fizeram com que muitos desses alunos passassem por grandes sofrimentos. Eu me lembro, entre esses alunos, do Gabriel Figueiredo foi um dos alunos do CENEART que muito sofreu com os problemas da Revolução de 64, mas que lutaram bravamente e hoje estão aí, como grandes figuras, grandes expoentes do município de Osasco. O Gabriel, inclusive, teve o grande prazer de receber o seu convite para assistir sua tese de doutoramento alguns anos atrás.” Foi uma extrema emoção, ter a oportunidade de participar de uma sessão onde meu ex-aluno recebeu o título de doutor. Foi uma grande honra e, principalmente, para o CENEART, pois aqui vários e vários alunos saíram para se destacar no cenário nacional.

Existiram muitos fatos importantes, por exemplo, o professor se lembra do episódio do falecimento do professor Alcyr, que já estava muito doente e teve sua licença médica negada pelo Estado. Na época, ele se consultava com um ex-aluno do CENEART, o Dr. Dionísio e numa sexta-feira ele me disse: “Negaram licença para o professor Alcyr, ele não tem condições de voltar a dar aula.” E realmente, o professor voltou a dar aula e na segunda-feira seguinte, no dia 27 de julho de 1978, o professor teve um problema sério na escola e acabou falecendo. Esse episódio ficou muito marcado para o professor de biologia pela grande admiração, pela grande estima que sempre teve por esse e outros professores da época. O seu velório foi realizado perto da escola e ele ficou encarregado de avisar ao professor Emir que já não lecionava mais no CENEART, era jornalista do jornal Folha de São Paulo e professor em outras escolas. Ligou para ele e o professor veio até o CENEART e em seguida foram ambos para o velório. No velório, o professor Emir muito emocionado ajoelhou-se diante do corpo do professor Alcyr, fez sua oração durante alguns minutos e em seguida voltou-se para o professor de biologia e disse que iria se retirar porque a emoção era muito forte. Ele voltou para o jornal e escreveu um artigo extremamente importante para todo o professorado do estado de São Paulo naquele ano de 1978, o artigo cujo título era “Morrer de estafa”, serviu de estopim para que surgisse uma união muito grande entre todo o professorado e uma greve muito coesa e uniforme foi estabelecida a partir daquilo que foi publicado na folha de São Paulo. Portanto, o professor Alcyr e o professor Emir são figuras muito importantes neste primeiro movimento. Um provocou no outro a ideia de lançar palavras que acabaram emocionando a todos os professores diante do descaso que já então, existia das autoridades em relação aos problemas educacionais. Isso o professor teve oportunidade de presenciar. Esse artigo o professor tem guardado com muito amor porque ele sabe que foi muito importante para a integração de todo o magistério.

Relato F

Depoimento gravado (gravador digital) de ex-aluna da Habilitação Específica para o Magistério, realizado na biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental “José Veríssimo”, em 10 de dezembro de 2009.

Juliana se formou na E.E. Antonio Raposo Tavares na Habilitação Específica para o Magistério na turma de 1999. Nasceu em São Paulo, e quando estudava no magistério morava do Jardim Adalgiza-Osasco. Filha de Pedro, taxista – hoje aposentado e de Cícera, professora PEB I e PEB II, hoje readaptada no Estado. Juliana frequentou a pré-escola em uma escola particular “Tic-Tac”, situada na região onde morava, no Jardim Umuarama à rua Ana Martinelli Louveira. A lembrança do endereço completo dessa escola se deve ao fato de ficar perto de sua casa de infância e conhecer muito bem a região, e, porque também trabalhou nessa escola como professora.

O primário foi cursado na Escola Max Zedron, na época do Estado, na Vila Yara e hoje municipalizada. Fez nesta escola até a 5^a. série e depois a 6^a. 7^a. 8^{as}. Juliana se mudou para Santa Bárbara do Oeste e estudou em duas escolas: uma em Santa Bárbara do Oeste que não se recorda o nome, pois foi uma passagem muito rápida 3 ou 4 meses e depois foi para uma escola americana em uma cidade vizinha Heitor Penteado, também do Estado.

Depois voltou para Osasco, foi quando iniciou o magistério no CENEART, os quatro anos, tendo finalizado em 1999. Em agosto de 2000, iniciou a faculdade no UNIFIEO cursando fisioterapia terminando em 2004 e este ano (2009) voltou a fazer uma complementação pedagógica em Ciências Biológicas na UNIMES – um curso a distância. De todas essas escolas, a que guarda mais lembranças é o CENEART e a faculdade. Pois, *“...foram momentos decisivos, principalmente, na área da formação em relação ao profissional mesmo, e, professores com quem encontra hoje e alguns em contato de amizade mesmo e colegas da própria escola...”*. Uma das colegas dos tempos de CENEART foi sua madrinha de casamento, hoje a filha dela faz faculdade com ela, além de outras colegas que mantém contato através da Internet. *“...Foram momentos decisivos, principalmente, profissional e de decisão e que a amizade perdurou depois de um tempo. Foi uma fase muito boa, costumamos falar que éramos felizes e não sabíamos, porque eram momentos muito gostosos que passávamos e na faculdade também, embora na faculdade foram bons momentos, mas que não deixaram amizades como o magistério deixou...”*.

Da faculdade raramente encontra com algumas pessoas ou cruza na rua, mas também foram momentos muito bons. O curso de nível médio deixou mais amizades pelo contato, *“...o dia a dia, o trabalho (escolar) levava a isso, você passa a ser, entre aspas, ali, obrigado a conviver tem que aprender a conviver, os trabalhos eram muito práticos e não uma coisa teórica que você entra no computador pesquisa tudo pronto e envia para o professor. Não, você tem uma vivência tanto da parte técnica quanto com os colegas. Era tudo em grupo, e isso deixa uma lembrança maior. Foram quatro anos, quatro anos com as mesmas pessoas, o mesmo grupo e foi uma fase de amadurecimento, em relação a idade que ela tinha, foi uma fase de amadurecimento de decisão de profissão...”* que ela traz até hoje.

A escolha para estudar no CENEART foi porque ela estava vindo de outra cidade, na verdade, *“...eu não conhecia muito, porque quando eu saí de Osasco eu era pequena, eu só conhecia a região do Vila Yara. Quando eu voltei, minha mãe conhecia o CENEART. Eu voltei e não queria fazer o magistério. Na cidade onde estava, havia prestado para processamento de dados e eu queria fazer um curso técnico, só que aqui não tinha e minha mãe como professora acabou induzindo: “você nunca vai ficar desempregada enquanto professora, ganha mal mas nunca vai ficar desempregada”. Então, eu decidi tentar e se não gostasse iria procurar outra coisa. E, também entre fazer um colegial normal, ou seja, um ensino médio normal que a pessoa acaba saindo sem nenhuma profissão, eu queria fazer alguma coisa mais para o técnico”*.

Ela iniciou o curso e lembra da professora Tânia de Psicologia que dizia que, assim que ela começou o curso, que ela era muito arredia, ela não queria ter vindo da outra cidade, queria ter continuado lá no interior, mas depois ela acabou se adaptando e vendo que era mesmo o que ela gostava e terminou os quatro anos.

Questionada sobre como sua mãe conhecia o CENEART, ela explicou que sua mãe sempre foi professora do Estado e sempre ouviu falar muito bem do CENEART, na verdade, era o CENEART e o CEFAM, porém o CEFAM ela nunca se interessou em fazer por ser em período integral e ela queria se dedicar a outras coisas: ela participava ativamente na igreja e ela queria logo poder iniciar um trabalho, começar a trabalhar. Então, ela optou pelo CENEART, sua mãe já conhecia – era uma escola que tinha bons antecedentes, falavam muito bem da escola e era difícil também, entrar não era fácil, tinha uma lista de espera para iniciar o ano, então ela não sabia que ia conseguir ficar lá mesmo. Quando saiu a lista, seu

nome estava. O processo seletivo que existia era em torno da lista de espera, como ela veio no final do ano e início do outro as salas já estavam formadas, então ela ficou na lista de espera e conseguiu entrar.

Quando ela fez o curso, já iniciava desde o primeiro ano. No primeiro ano existia algumas matérias mais básicas do ensino médio (física, química, matemática) e não se recorda se no primeiro ano tinha alguma matéria específica, mas acredita que: “...sim, tinha biologia e, sim, psicologia. É tinha a Tânia que os acompanhou ao longo do curso e, no final, vimos algumas mudanças que aconteceram de quando entramos. Então, veio depois a professora Cirlene, já no segundo ano, e depois, a Professora Regina e algumas matérias”.

O que mais marcou no curso foi o projeto no final, “...até hoje falamos sobre ele e damos muitas risadas, porque foi um projeto que, era dividido por regiões e meu grupo ficou com a região Nordeste. Tivemos muitas brigas, por que uma não fez, outra não apareceu. Era um monte de mulheres juntas e era briga feia de não se falar mais. Os grupos eram grandes e foi dividido por região foi algo que marcou muito a realização do projeto. Além disso, tinha os estágios e a realização da regência com uma professora que era muito enérgica. Ela era professora dos estágios e foi nos acompanhar até a escola Marechal Bittencourt na qual faríamos a regência. Foi um dia de muito medo, não foi legal o dia da regência. Nos preparamos, mas foi um dia de muito medo porque estavam sendo avaliadas. Depois ela retornou nesta escola para trabalhar. Ela passou por aquele momento traumatizante, e depois acabou avaliando que tudo aquilo que naquele momento foi falado que a aula tinha que ser daquela forma, não é o que acontece. Existe sim, momentos para jogos, existe momentos para brincadeiras, mas não é só isso uma aula. É uma diversidade, naquele momento da regência, tínhamos que ficar um período com os alunos sem o uso da lousa, iríamos ser avaliados se daríamos as costas ou não, então foi um momento de muita ansiedade - Muita paura”.

Perguntado sobre a presença de alunos no curso, Juliana disse que tinha um senhor que não chegou até o final era chamado de Seu Geraldo, outro chamado Heder, mas na verdade nenhum concluiu, foram desistindo no percurso. *Eram três rapazes e durante o curso eles foram desistindo. As pessoas que cursavam o curso, inicialmente, assustou porque ela veio de uma escola que até a oitava série todas as pessoas tinham a mesma idade e num primeiro momento ela pensou em desistir do magistério porque ela entrou em uma sala que eram pessoas muito mais velhas, eram uma sala quase de senhoras. Tinham meninas com a minha idade, mas sessenta por cento/setenta por cento da sala eram com idade mais avançada. E ali, o dia a dia foi mostrando que aquilo não significava nada. Elas tinham, muitas, algumas dificuldades a mais nas próprias aulas, demoravam um pouquinho a mais para entender aquilo que agente tinha explicado, não eram tão dinâmicas, mas foram complementando o grupo. Era uma sala com pessoas com um pouquinho mais de idade”.*

“A relação entre os alunos era só mulheres, eram salas numerosas... e tinham os grupos.... Foram feitos grupos: o grupo da Isabel, o grupo da Magda, o grupo da Marlene, mas em determinados momentos esses grupos acabavam sendo diluídos e formavam-se outros grupos ou grupos maiores porque os trabalhos faziam com que se fizesse isso. A relação em si, existia uma boa relação, claro que se tinha intimidade mais com algumas pessoas com outras não, com uns você convive com outros você tem uma relação mais de amizade mesmo. Mas, a sala em si foi uma sala que participou. Em todos os trabalhos estiveram juntos. Não era fácil, ela se lembra em uma das brigas que foi na sala 10, no andar superior da escola, foi uma coisa de lavar roupa suja: “ – não gostei do que você fez!”... mas algumas coisas ficam. Foi um momento bom, se tivesse que passar de novo, eu passaria sim. Foram momentos muito bons e a relação foi de aprendizagem.

Os alunos com os professores sempre tiveram uma boa relação, na opinião de Juliana, pelo menos ela nunca viu de outra forma. E tanto, ela se lembra da professora Odaléia que era professora de Inglês, depois ela a encontrou como diretora de uma escola que ela trabalhou. Essas professoras que ficaram pouco tempo, a relação acabava distanciando, mas *“...tinha a Regina, a Cirlene, a Tânia e, também, o Paulo Henrique que ficou pouco tempo e foi nosso professor de matemática, era bem jovem. Nós tivemos, a sala toda uma relação até de amizade, em que muitas vezes nós chegávamos para esses professores, conversávamos com eles, e eram colocados outros tipos de problemas e nós tínhamos essa troca não só de aluno e professor, mas de ser humano mesmo e eram momentos muito bons”*.

Outro momento que marcou muito, nessa época foi o acidente do Shopping. Era o momento da turma de Juliana. Então, *“...tinha a turma que estava se formando que estava no shopping, não era a sua turma, mas ali foi um momento, que vimos... como o mundo acabava! A preocupação era muito grande. No outro dia..., na verdade, aconteceu logo que saímos, tivemos uma aula vaga saímos mais cedo no outro dia nós tínhamos prova e nós fomos para casa. Então a preocupação de todo mundo ligando, no outro dia nós fomos todos juntos nos hospitais para vermos listas de pessoas porque nós não conseguimos falar com os meninos. Nós procurávamos os nomes deles, e não achávamos... não conseguimos falar por telefone. Foi um momento de tensão e aí agente viu que as pessoas se importavam mesmo. Foi um momento marcante no Magistério”*.

Em relação a direção, Juliana não se lembra muito, lembra da Mirian (vice-diretora) e Celly (coordenadora), essa principalmente, na época de formatura, ou seja, nos preparativos para a colação de grau. “Era muito “grossa”, na sua maneira de falar”. Uma pessoa que tiveram muito contato, enquanto funcionário era a Cida. A Cida era inspetora, e era muito próxima dos alunos, mas a Mírian também, tinha um diálogo muito tranquilo, claro, na relação de aluno e direção

Sobre a estruturação do curso, primeiro eram matérias básicas e depois as matérias específicas ela se lembra do nome de algumas disciplinas, mas não em que ano eram lecionadas *“...tinha Psicologia da Educação, Estrutura, Metodologia de Ciências, de matemática, aí eram por metodologias. Nós tivemos nos primeiros anos inglês, arte, e educação física também, voltada para a pré-escola com o professor Primo, primeiro com outra professora e depois com o professor Primo. Inicialmente eram jogos (Vôlei, basquete, etc.) tanto é que, existia uma resistência muito grande no grupo quanto a educação física porque não queríamos fazer vôlei, basquete, nós queríamos mesmo coisas para usar com os alunos e ela falava que não, nós queríamos “jogos educativos” e depois com o tempo veio. Vieram os jogos as maneiras de como trabalhar com as crianças, as músicas, que nós cantamos até hoje. Basicamente isso, inicialmente as matérias química, física, biologia e depois as metodologias, é o que me recordo, e o estágio, no último ano”*. Ela se lembra do estágio apenas no último ano, não se lembra de ter feito antes: *“...mas o estágio é algo muito complicado: -Você leva aquela ficha, a ficha está errada... . Faz o plano de aula, não é daquele jeito volta com o plano de novo, faz o planejamento de novo e agente não tinha essa vivência, nós tínhamos o livro e copiávamos do livro e era difícil: objetivo específico, conteúdo, estratégia. Hoje isso é normal, hoje dando aula, mas naquela época era uma coisa que não tinha significado. Nós víamos aquilo e queríamos copiar do livro”*. Ela fez os estágios, mas não fez todos. A mãe dela dava aula, então, ela não fez porque trabalhava: ela dava aula em escolinha particular era contratada como auxiliar, mas acabava ficando com turma. Era uma escolinha particular de bairro. Então, ou ela trabalhava ou fazia estágios. Ela foi alguns dias na escola da mãe para assinar o estágio.

O curso magistério era no período da manhã e o estágio era no contra turno, outro horário. Tanto que no finalzinho, quando a diretora vendeu a escola, ela estava na fase mais

crítica, porque em alguns estágios ela tinha que ir mesmo porque era estágio em educação infantil e a escola que ela trabalhava não era registrada no MEC. Então ela teve que ir para outra escola e, neste período, ela foi demitida, porque ela tinha que fazer estágio e a diretora não quer alguém que falte, na época, ela precisava faltar para fazer o estágio.

“O estágio veio acrescentando muita coisa, ... é ele acrescentou sim, mas muita coisa é no dia a dia. No estágio agente via mais as coisas erradas do que...”. Questionada se havia algum período do estágio que deveria permanecer no CENEART, Juliana disse que não, pelo que ela se lembra havia aulas de estágio nas quais se conversava, eram passados textos e isso era no período da manhã mesmo, na grade curricular previa-se essas aulas. Eles mostravam o carimbo da escola e se a ficha de estágio tinha algum erro, tinha que voltar à escola de estágio e pedir que os professores assinassem novamente, não podia ter erro algum.

Questionada se Juliana percebeu alguma mudança ao longo do curso, como por exemplo, ela em uma turma com uma certa estrutura curricular e outra turma com outra distribuição de disciplinas, ela disse que não percebeu, talvez por não ter contato com os outros anos. O contato mesmo era só ali com a própria sala e as salas que estavam a frente, ela estava no terceiro ano tinha contato com o quarto ano, mas o pessoal que estava vindo eles não tinham muito contato.

Questionada se os alunos que faziam o magistério eram atuantes na escola se eles faziam algum movimento na escola. Juliana respondeu que não categoricamente: *“Não, pelo menos, nossa turma não”*. Ela iniciou sua participação no Grêmio: *“só que assim: ...teve eleição..., vamos para a reunião de Grêmio..., depois aquilo se dissipava...”*. *Havia a participação ativa dentro do curso com muitas apresentações. Os alunos faziam muitos trabalhos com apresentações nas aulas: “- teatro não sei prá não sei o quê..., teatro para determinada matéria..., faz outra apresentação...”*. *No entanto, em relação à escola não, interação com outros alunos fora do curso, interação no Grêmio, isso não tinha”*.

Em relação a participação social, *“...em um momento, com a professora Cirlene, em Carapicuíba, foi nos apresentado como se fosse um orfanato, na verdade, um abrigo para crianças com algum tipo de deficiência. Nós fizemos um movimento para arrecadar produtos de limpeza e fraudas. Foi combinado um horário fora do horário de aula e fomos visitar essa instituição. Isso só ocorreu uma vez. Era um local muito distante, bem afastado em Carapicuíba. Nos fomos visitar, levamos o que foi arrecadado, conhecemos as crianças. Nesse dia, quando chegamos tinha acabado de chegar um bebezinho que tinha sido deixado na porta. Ele tinha umas duas semanas, estava com sonda, tinha vários probleminhas”*.

Em relação às saídas extra-curriculares, relatou que havia muitos passeios. Foram para Salesópolis, conhecer a nascente do rio Tietê, conhecemos uma senzala. Teve um outro passeio com visita em São Paulo: foi o Museu do Ipiranga, Estação Ciência. Nesta saída, nos fomos de trem e outras nós íamos com ônibus da própria escola. Tinha também os passeios da escola: Play Center, cinema... Tinha os estudos do meio: *“...a proposta era que nós conhecêssemos por exemplo a Serra do Mar, para que depois nós levássemos os alunos também. Fomos em uma fazenda de café, em Campinas. Era uma fazenda dos donos da Mitsubishi, eram japoneses. Lá conhecemos todo o processo... o local onde os escravos ficavam..., a história das telhas feitas nas coxas e, na época, elas não se encaixavam..., o mirante onde eles olhavam se tinha alguma invasão, hoje, lá eles ainda cultivam o café e tinham criação de piranhas também...”* Ela tem fotos de lá.

Questionada sobre sua opinião sobre essas saídas e esses estudos se traziam alguma contribuição. Juliana colocou que acha que trazia muitas contribuições: pela cultura de cada um que passava a conhecer coisas diferentes, que ficavam muito marcadas, e, também como possibilidade para ver que aquilo que agente estava estudando poderia ser levado para fora da

sala de aula, e, isso sim, hoje agente aplica. Hoje, quando planejamos, pensamos: *“Olha... dá para levar os alunos em tal lugar... “ Porque, na verdade, existem inúmeros lugares, que podem ser escolhidos, então aquelas saídas serviram de base: “dá para fazer algo diferente, sem ser um projeto para se fazer dentro da escola e se limitar aquele espaço. Aquilo dá para fazer, dá para sair dos muros da escola. Isso foi muito produtivo...”*

Perguntado sobre como se sentia as pessoas que cursavam e saíam do CENEART, se havia alguma rivalidade, Juliana disse que havia rivalidade com o pessoal do CEFAM. As meninas do CEFAM, parecia que tinham um curso mais prático, o pessoal do CENEART tinha um pouco mais de teoria. *“Elas tinham só prática, a vida delas era na escola, não havia vida fora daquilo”*. Mas, então quando Juliana foi visitar as escolinhas sentiu que havia uma preferência para quem era formado no CEFAM. Depois sua irmã frequentou o CEFAM, então ela percebeu que era tudo *“...muito jogado, talvez liberado demais, aberto demais e foge do que é a realidade dentro da escola. Não é tudo teatro, não é tudo jogo. Precisa ter uma estrutura, um conhecimento teórico, uma vivência diferenciada, não é tudo festa e eu vi isso na minha própria casa quando minha irmã fez o CEFAM. Ela fez o CEFAM porque ela queria fazer o magistério e as amigas dela queriam fazer o CEFAM. Elas foram para lá, porque lá elas recebiam, existia um auxílio. Então, escolheram o CEFAM, mas o que recebiam, acabavam consumindo lá mesmo, pois ficavam o dia todo, era teatro o tempo todo, na verdade, parecia uma faculdade de arte. Faziam aquele monte de coisa. De fora era assim que eu via, talvez quem esteve ali tenha outra visão, mas olhando de fora pelo percurso que ela teve no magistério do CENEART e o que a irmã teve no CEFAM.*

Quando Juliana estava terminando o magistério ela estava trabalhando em uma loja, porque fazer estágio e trabalhar em escola era impossível, ninguém vai contratar um professor que falte três vezes por semana. Formada, logo em janeiro já distribuiu currículo, e já conseguiu ser contratada por uma escolinha, ou seja, escola de educação infantil. Nessa escola começou a trabalhar o dia todo, porém o salário era ruim, ela lembra que na época trabalhava o dia todo por trezentos e quarenta reais, isso em 2000. Na prefeitura de Osasco era por contrato, então se você tivesse magistério e tivesse alguém conhecido conseguia o contrato e então, em março já conseguiu o contrato com a prefeitura. Iniciou, *“é claro que quando você entra numa escola grande, ensino fundamental, é um baque, cai de pára-quedas ali”*. Ela ficou o primeiro ano com reforço, até se adaptar porque as aulas já havia iniciado e depois ficou com a primeira série. Ela teve muita ajuda das colegas: *“Você traz aquilo que você aprendeu no magistério e, ...é interessante que..., você vem com muitas ideias novas e você vem com aquela vontade de fazer coisas diferentes, só que você tem as experiências daquelas pessoas que já estão a bastante tempo na rede, na escola. Eu tive duas pessoas que me ajudaram muito: a Rose e a Bete que estiveram presentes e diziam – Olha faz assim! Aí sim, é a prática, diferente do estágio que você só observa e vai ver os erros: – Olha! O professor gritou com o aluno. Ah... o professor não deu uma aula do ponto de vista construtivista. No dia a dia, é a prática, é uma miscelânea, você mistura tudo, o tradicional com o construtivista. Você vai misturando e é assim mesmo. A entrada para o mercado de trabalho foi fácil. Eu tinha uma boa bagagem. Nós tínhamos uma boa bagagem”*.

Depois teve o concurso, Juliana prestou o concurso e passou, disse que não fez cursinho para passar em concurso, usou muitas informações que trazia do magistério. No primeiro concurso ela passou, porém na hora de contar os títulos ela não tinha nada, então sua classificação ficou muito baixa, ela não tinha uma faculdade ainda. Mesmo assim, ela passou e entrou. O próximo concurso foi de adjunto, foi mais tranquilo, ela também passou e entrou. Então, ela acha que *“a bagagem trazida do magistério foi suficiente para entrar no mercado de trabalho e passar no concurso, também. Muitas coisas estão mudando, outros teóricos estão aparecendo, mas a base nós tivemos sim”*.

Quanto a continuidade dos estudos em curso superior, Juliana acredita que a maioria das colegas de curso ficaram apenas com o magistério. Hoje, ela reencontra algumas que acabaram procurando o curso superior, mas muitas acabaram ficando apenas com o magistério.

Daquelas que ela manteve contato, todas continuaram na área de educação. Ela mesma tentou sair quando resolveu fazer faculdade de fisioterapia, mas depois ela voltou. *“O salário de professor é baixo, principalmente, em vista de tudo que é estudado, mas se você comparar com uma faculdade que eu pagava oitocentos reais e depois quando se me formei só encontrei emprego por um salário de seiscentos reais para trabalhar oito horas por dia... Hoje, eu vejo que o magistério em si, dar aula, acaba sendo uma fuga para muitos que não conseguem... Eu ainda cursei o magistério, iniciei dando aula, eu gosto de dar aula e estou fazendo outro curso superior, agora na área de educação, que foi onde eu me encontrei. Mas para muitas pessoas, por exemplo, essa pessoa que está fazendo faculdade com ela, que é filha de uma colega de CENEART, fez economia, como não conseguiu emprego ela começou este curso para poder dar aula, porque querendo ou não, uma aulinha ou outra você consegue pegar no Estado, você pode pegar como eventual, mesmo sem a vocação... acaba sendo uma fuga.*

Observações: Ocorreu um grave acidente, em 1996, com o Shopping Osasco Plaza que fica na região central de Osasco e faz esquina com a escola. Parte de suas dependências explodiu e muitos alunos foram atingidos por utilizarem o shopping como passagem para outros pontos da cidade. No caso do curso do magistério, muitas alunas de uma das classes foram atingidas e terminaram o curso (4ª. série A - 1997), em regime domiciliar, outras frequentaram a escola, mas houve necessidade de adaptar uma sala para o uso de cadeiras de rodas.

Relato G

Depoimento gravado (gravador digital) de ex-aluna da Habilitação Específica para o Magistério, realizado na Escola Municipal de Educação Infantil “Luzia Momi Sasso” – local de trabalho - em 28 de outubro de 2010.

Telma estudou na E.E.S.G. Antonio Raposo Tavares de 1979 a 1982 cursando a Habilitação Específica de 2º Grau para o Magistério de 1º Grau.

Nasceu em Osasco em 10 de abril de 1964. Quando estudava no CENEART morava no bairro do Alto do Farol, seu pai José era metalúrgico e trabalhava na Braxeixos e sua mãe, Elfrida, era “do lar”.

Não fez pré-escola, estudo no antigo “Jegue”, hoje chamado de E.E. Major Telmo Coelho Filho, no bairro do km 18. Nesta escola fez de 1ª. a 4ª. séries e depois fez de 5ª. a 8ª. séries. Quando terminou o 1º Grau, entrou no Magistério do CENEART. Entrou no CENEART na década de 80, ela não se lembra bem, mas sabe que quando saiu do CENEART, se casou e isso foi em 1985. Das duas escolas cursadas ela se lembra do Ensino Fundamental, ela tem lembranças da primeira professora: *“Eu acho que o Ensino Fundamental se tem mais lembranças porque somos menores, crianças e a memória guarda mais. No CENEART, já éramos maior, tinha-se mais independência, não havia mais tanta insegurança, de quando estávamos na pré-escola. Eu me lembro da primeira professora, o nome dela era Ana Maria.*

O CENEART foi escolhido porque sua irmã já estudava lá. A irmã é dois anos mais velha e já estudava no CENEART e para ficar mais fácil o pai a matriculou para que

pudessem estudar juntas. A irmã fazia o colegial e ela escolheu fazer o magistério porque queria ser professora – *“...sempre, desde pequena eu fazia minha irmã de minha aluna, e isso era muito aguçado em mim, eu gostava muito da escola, tanto que a minha irmã estudou no ‘Misericórdia’ no Ensino Fundamental, eu tinha paixão de ir também, mas meus pais não tinham condições de pagar para mim e para minha irmã, como ela era mais velha... eu aprendi a ler sozinha quando entrei para escola já sabia porque eu via minha irmã e eu tinha vontade, eu era muito motivada, adorava ler, ver um livro”*.

Questionada se ela se lembrava de outras escolas que ofereciam o curso de magistério, disse que pelo o que sabia existia apenas o Misericórdia. Ela não se lembra.

Ela gostava muito do curso do CENEART, trabalhava como estagiária em uma pré-escola particular. Ela fazia o estágio e depois saía da escola para ir para o CENEART, era bastante corrido. Ela tem boas lembranças, tinha uma professora que se chamava Lucia, era professora da Língua Portuguesa, gostava muito dela, *“...era uma pessoa muito legal, ela se dava bem com os alunos, era atenciosa, eu acho que pelo nível de nós sermos já adolescentes... ela conversava muito com a gente... o Manoel de Educação Artística, porque eu adorava desenhar, para mim, ele me incentivava muito porque às vezes, as pessoas pensam que os professores... por a gente ser maior... a gente não tem assim... eles incentivavam muito, a classe, a gente a estudar. Eu acho que na época, foi uma época muito boa, o ensino era levado muito a sério. Pelo menos as pessoas que estavam na sala eram bem... tanto que não saía. Minha classe era bem cheia, não tinha evasão, assim, igual hoje”*.

As pessoas que estudavam não tinham um nível social alto: *“...até a gente, meu pai era metalúrgico, então a gente sempre na... Eu acho assim: a gente tinha uma classe social inferior, mas as pessoas eram mais interessadas no estudo, levavam mais a sério o estudo, eu acho. Não estavam ali só porque o pai queria que estudasse. Naquela época, as pessoas que estavam ali, estavam mesmo, interessadas...”*

Alunos e professores tinham uma boa relação: *“... Na minha época eu não me lembro se tinha alguma desavença, se tinha era sempre resolvido, a maioria era mulheres, não tinha homens na sala... tinha pessoas mais velhas, tinha pessoas já casadas, várias pessoas casadas na sala já... e a gente fazia um grupo muito legal, para fazer trabalhos porque tinha muito trabalho em grupo. As pessoas trabalhavam, tinha muita gente que trabalhava fora”*.

Questionada se essas pessoas se integravam com as alunas mais novas, foi dito que existiam as panelinhas: *“...é... tinha com certeza as panelinhas não vou mentir que não tinha, tinha sim... mas pelo menos da minha parte, do meu grupo a gente se integrava, porque tinha hora que você tinha que mudar, os professores mesmo, às vezes eles sorteavam o grupo e você tinha que fazer, mesmo na classe ou extra classe. Na sala de aula, você tinha que participar... eu não me lembro que havia problema não...”*

Sobre a estrutura curricular do curso, ela disse que o primeiro ano era básico e no segundo ano começava a parte específica.

Ela cursou o Magistério inteiro à tarde. O estágio era feito no período da manhã, mas como ela trabalhava em uma pré-escola particular, ela fazia o estágio lá mesmo, depois no Ensino Fundamental *“quando era pra fazer no Ensino Fundamental a gente saía fazia no período da manhã, não tinha problema...”*

Questionada se havia o ensino primário no CENEART, ela disse que não: *“...quando eu estudava não, o primário foi quando meu filho foi estudar, até teve problemas e eu tive que tirar, ele... mas não, na minha época não tinha primário”*.

Para fazer estágios não havia uma escola pré-determinada, as estudantes escolhiam: *“... eles mandavam a carta pra gente chegar lá para poder fazer o estágio, senão não fazia, então a gente entregava a carta na escola cada um ia e fazia onde dava. Muita gente fazia em Carapicuíba, muita gente morava lá da minha classe, a maioria não morava aqui em Osasco não...”*.

Sobre a contribuição dos estágios para sua formação, ela respondeu que aprendeu muito: *“...eu aprendi bastante coisa, é o que falei, quando a gente faz estágio você tem que saber, levar a sério, ver... não sei se eu gostava muito e eu sou uma pessoa que falo, então eu participava, eu ajudava, sabe..., eu acho assim: o que vale é você ver para você poder colocar em prática, o que é bom, separar o que você acha que não é viável... Eu participava muito, em todos os lugares que eu ia fazer estágio. Tinha o estágio de observação que a gente fazia primeiro, mas eu procurava me interagir, procurava me oferecer para ajudar a professora na sala, o que fosse preciso. A gente explicava para a professora que gente estava ali pra gente ter uma... um fundamento, pra gente vê, observar como era uma sala de aula, a prática. Então a gente estava ali, mas não estava para criticar nada, para a pessoa e a gente se sentir mais a vontade. E todos os professores que eu fiz estágio, nossa..., a Miriam orientava muito, me ajudou muito. Eu fiz estágio no “Larizati” que era perto da minha casa, nossa..., fui muito bem recebida”*.

Questionada sobre os tipos de estágios, ela respondeu que era estágio de observação: *“...era observação e tinha para você fazer plano de aula, a gente fazia, aí tinha um dia, que você ia dar aula, você combinava com a professora se aquele dia, se tinha alguma coisa que queria que você trabalhasse, ou tema pra você trabalhar, você dava aula, um dia de regência.*

Perguntou-se sobre qual disciplina foi mais marcante: *“...eu tinha paixão por educação artística e biologia que também o professor era o Manoel, ele era uma pessoa muito... tanto que ele foi o padrinho da gente, do magistério do nosso grupo, da nossa sala. Era assim... é o que falei, a gente era muito... não tinha... naquela época, eu acho que os alunos eram mais interessados, eram mais observadores, a gente ia porque a gente gostava e graças à Deus, teve esses profissionais que incentivavam muito. Claro que em todo lugar tem aquele professor que é mais dedicado, tem um professor assim..., mas eu vou me lembrar daqueles... assim, que me incentivou. O Manoel foi muito bom, é uma pessoa que eu nunca vou esquecer.”*

Questionada sobre os professores da parte pedagógica, ela disse que a única matéria que não gosta de lembrar é estatística: *“...a única matéria que eu não gosto de lembrar, pra mim é assim... é estatística, matemática essas coisas, pra mim eu tinha muita dificuldade e acho que por ter dificuldade, então era pior ainda, você tinham... mais assim... A Miriam que coordenava, era Eunice, não sei se era Eunice o nome dela, aquela de didática, ela era também uma pessoa assim muito legal e Educação Física, tinha, nossa..., verdadeiro pavor de Educação Física, não tinha habilidade nenhuma. Sabe... era muito difícil de ser trabalhado tudo que envolvia número, estatística e Educação Física, eu não era muito chegada não. Mas a Miriam era uma pessoa que me marcou muito, também, ela era coordenadora de estágio da gente e eu acho que ela também... teve aquele... nós fizemos um álbum de todas as datas comemorativas, e foi uma coisa muito marcante para mim porque eu acho que como eu gostava de desenhar, eu fiz aquilo com maior... tanto que acho que ficou na escola, não consegui ficar com meu álbum... ficou na escola. Para mim foi muito interessante, ela também foi uma pessoa muito participativa, me ajudou muito, orientava muito a gente, essa parte de estágio, de como você ia trabalhar em sala de aula, o que você ia fazer regência... essas coisas, a gente era bem orientado assim”*.

Questionada se ela percebeu alguma mudança curricular durante o curso, por exemplo, a turma dela seguia certas disciplinas com um número de aulas e a outra turma vinha diferente, ela respondeu que não percebeu nada: *“...não, não. Eu acho até que tinha bastante matérias, era bem puxado. Não era... a gente não levava assim, igual hoje em dia a gente vê. Porque hoje tem internet, tem vários recursos, a gente não. Nós tínhamos que fazer pesquisa em biblioteca, você tinha que garimpar mesmo. As coisas para nós na época não tinha nada fácil não. Olha, eu me lembro que era muito mesmo, porque como eu trabalhava, eu fazia estágio na escolinha particular, pra gente era bem puxado mesmo...”* Mas muita gente dizia que era um curso mais fácil! *“Ah... pra mim, nessa época, na época em que fiz, eu não achei fácil não... tanto que quando eu fui fazer a pedagogia, eu fiz dezesse... nossa... muitos anos depois... nossa... dois mil e pouco, quando fui fazer pedagogia, eu senti muita diferença, aí sim, eu vou dizer pra você que foi uma mudança na minha vida completamente diferente, porque o que a gente via na época que a gente estava fazendo magistério e da época que eu fui para a faculdade, nossa... completamente diferente, o professor chegava na classe, porque o professor do magistério escrevia na lousa, professor de faculdade [e muito difícil escrever na lousa, era mais assim... tanto que a gente levava gravador na sala. Era muito puxado não era fácil.*

Sobre a participação dos alunos na escola, ela não se lembra de nenhum aluno participar do grêmio ou de movimento social ou político, pelo menos não na sala dela. Sobre a fama do magistério na cidade em sua época, ela disse que: *“...eu acho que o magistério sempre foi visto assim.. as mulheres preparadas né, estão fazendo... eles falavam... 'curso de espera marido', que a gente estava fazendo. Mas eu não acho não, eu acho que naquela época eu acho que ainda era muito mais levado a sério, era muito mais respeitado, o curso de magistério do que foi quando eu fiz estágio da pedagogia, eu fui naquele “Rebuá” que era em Carapicuíba e fui no “Antiório Fortunato” (CEFAM) que era perto dos bombeiros. Ali já tinha modificado bastante: imagine se na minha época a gente tinha um incentivo de ganhar... é o que eu falei, tinha que ser garimpado mesmo...”*

Quando terminava o curso, todo mundo saía para prestar concurso para trabalhar na prefeitura. A maioria conseguia se não trabalhasse aqui, trabalhava em São Paulo. Entrava rapidinho no mercado de trabalho. Era muito difícil você ver um professor ficar sem trabalhar, só se não quisesse seguir a carreira, mas era mais fácil. A maioria, eu acho, naquela época, era um sonho todo mundo sair para ir prestar concurso na prefeitura de Osasco. Eu entrei na Prefeitura de Osasco em 1984, trabalhei até 1987. então eu acho que foi a maioria saía sim”.

Sobre a manutenção das amizades do curso, ela disse que manteve em especial com duas colegas: *“... tem duas colegas que tenho contato até hoje... que é a Dulce e a Soninha, elas fizeram o Ensino Fundamental de 5^a. a 8^a. séries, lá comigo no “Major Telmo”, depois elas fizeram no CENEART e depois entraram na prefeitura e eu estou na prefeitura até hoje.”*

Questionada se era comum as pessoas de sua turma irem para o curso superior, ela disse que eram poucas: *“... eram poucas as que iam para o curso superior, não eram muitas. Elas paravam no magistério, porque a gente não tinha condição financeira para bancar faculdade... tanto que eu fiz quando o prefeito bancou a bolsa, a prefeitura pagava cinquenta e cinco por cento da bolsa, foi quando eu consegui fazer, porque se não fosse isso, eu não tinha feito a pedagogia nunca... eu não tinha condições de pagar uma faculdade, a gente não tinha, do meu grupo não tinha, são poucas as professoras que posso contar pra você que fez pedagogia nesta época... quem estava na prefeitura? A Valdenice (aquela professora que faleceu), a Suzileide foram pessoas que conseguiram depois...”*

Como foi a trajetória profissional: “... depois que me formei, eu entrei na prefeitura, trabalhei três anos, aí engravidei, pedi para ser mandada embora, porque meu filho não ficava com ninguém, não aceitava. Aí, eu fiquei parada e entrei de novo em 1992 quando teve outro concurso e desde então não saí mais. Eu trabalhei de 84 a 87 (três anos e vinte dias) na prefeitura. Eu pedi demissão, entrei novamente em 92 e agora fiz a faculdade, terminei a Pedagogia e fiz a Psicopedagogia Clínica, as duas no UNIFIEO (Centro Universitário Fundação e Instituto de Ensino para Osasco). A maioria das colegas seguiu a profissão, a maioria, a maioria é professor”.

Questionada de o CENEART tinha um bom curso ela respondeu que: “...na minha época, para mim, foi bom. Quando eu fiz estágio, eu fui muito bem recebida. Não tenho assim... como ex-aluna, eu não sei se é porque a gente gosta do que a gente faz, então parece que a gente consegue ver tudo melhor ali. Eu gostei do curso, não me arrependo de ter feito o CENEART, sempre estudei em escola pública... não tenho queixa. Na minha época, não posso falar que a escola era ruim porque tinha como todos, defeitos. Mas para mim, no seu contexto foi muito bom, a base pedagógica foi muito boa pra mim, aprendi muito só tive a aprender. Então eu acho que se eu estou aqui hoje eu devo muito a tudo que tive tanto no Major Telmo... eu levava muito a sério, meus pais eram muito rígidos: se você fosse para a escola era para estudar mesmo, você não podia... eu acho que eu levei muito, por isso que eu acho que estou até hoje aqui e gosto do que faço. Eu tenho muitas saudades do CENEART”.

Relato H

Depoimento gravado (gravador digital) de ex-aluna da escola, realizado na E.M.E.I. “Luzia Momi Sasso” – local de trabalho – em 19 de dezembro de 2010.

Nossa décima colaboradora, nasceu em São Paulo e quando estudava no CENEART, morava em Osasco, no bairro do Jardim Helena Maria. Seu pai era taxista e sua mãe dona de casa, mas executava serviços de costura.

Seu percurso escolar

Estudei pertinho de casa, era uma escola estadual, uma escola pública, bem pequenininha, fiz lá da 1^a. até a 8^a. séries. (...) Fiz pré-escola, fiz um ano, mas foi no interior de São Paulo, não morava aqui ainda. Eu mudei pra cá, quando entrei no primeiro ano, a pré-escola fiz no interior e dela não tenho nenhuma lembrança, nada, nada, nada, , não consigo lembrar.

A entrada no CENEART:

Entre no CENEART depois que fiz o vestibulinho, tinha que fazer o vestibulinho para entrar no “Magistério do CENEART”. O primeiro ano era básico e depois você optava. Eu decidi fazer o Magistério.

Da escola que frequentou qual foi a mais marcante:

Eu me lembro de algumas coisas da escola que fiz o antigo 1^o Grau, de 1^a. a 8^a. séries, ... eu me lembro de algumas coisas do CENEART, só não me lembro da educação infantil, não guardo lembrança nenhuma, não sei se porque era uma escola muito grande que ia até o 2^o Grau e nós éramos os pequeninhos de lá ... não sei, sei que dessa escola não lembro nada. Ou também se é, por estar no interior, e a gente estava lá..., meus pais se separaram e a gente foi morar lá... Foi onde eu fiz o pré, depois meus pais voltaram e a gente veio pra cá, então, não sei se foi por toda essa situação, que eu não me lembro... lembro só das outras duas. Dessa primeira escola, eu me lembro que era uma escola bem pequena, tinha apenas seis

salas de aula. Ela era um barracão de madeira, então eu me lembro que a gente não podia deixar cair nada no chão, porque tinha aquele assoalho que tinha um monte de frestas, se você deixasse seu lápis cair, já era, acabou você ficava sem lápis, borracha... Era aquelas mesas que a sua cadeira era a mesa de trás do outro. Eu me lembro, também, que a gente abria as turmas porque eu acho que era uma escola que estava começando junto comigo, então a gente ia abrindo turmas quando eu entrei lá tinha só primeira, depois formou a segunda, terceira, aí no outro ano abriu a quarta, no outro abriu a quinta, então a gente sempre foi abrindo as séries. Me marcou bastante, porque eu também era novinha com relação aos outros amigos, porque no meio do primeiro ano, naquelas férias de julho, como eu já sabia ler e escrever quando eu voltei, a professora chamou minha mãe e ela me passou para o segundo ano, então eu não fiz nem a segunda metade do primeiro ano e nem a primeira metade do segundo ano e, no final do ano, fui direto para a terceira série. Então eu fui para a terceira série com sete anos, como eu sou de maio, só ia fazer oito anos em maio, e eu já estava na terceira série e como era uma escola muito pequenininha, isso correu a escola inteira. Todo ano, todo professor que chegava.. “Ah, você que é a aluna mais nova?”, ou então, tinha um amiguinho que sempre falava: “...professora! ela é a aluna mais nova porque ela passou de ano no meio do ano,, porque ta, ta, ta...” e... contava a minha história. Eu fui sempre a mais novinha da turma. Lembro bastante dessa escola por isso... Agora o CENEART, eu me lembro muito do relacionamento com os professores que era muito difícil, que eles sempre tratavam a gente muito mal... A gente era lixo, não servia para nada, nunca ia ser boa professora na vida. Nada que a gente fazia estava certo, tudo estava errado, tinha a Silvia que, não sei... se ela me perseguiu ou se perseguia a minha amiga. Eu tinha uma amiga, nós estudávamos juntas: eu e a Keila, a professora me chamava de Keila e chamava a Keila de Sandra. Só que tudo que eu fazia junto com a Keila, eu tirava nota pior que a Keila, então eu nunca entendi se ela não gostava da Keila ou da Sandra. A nota da Keila sempre era melhor do que a minha, mas ela trocava nossos nome e... quem era eu para ir perguntar para ela e falar: “Olha, eu sou a Sandra!”. Eu não tinha nem coragem de ir falar lá com ela. Então, o que mais marcou no CENEART, na verdade, foram as amizades. Embora, eu tenha perdido contato com todas elas, mas era uma fase de adolescência, uma fase bem gostosa, desse lado era gostoso. Porque estudar era triste..., eu me lembro que chorei muito... muitas vezes, eu cheguei para minha mãe e falei: “Mãe eu não quero ir para essa escola!”, tinha o Campesina, aqui do Vila Yara, acho que era o ... não sei se era o ... Brito ou o Articlínio. Vivia falando para minha mãe, todo início do ano: “Mãe eu quero pedir transferência, eu não vou conseguir terminar lá, naquela escola...” – “Não você vai, você nunca desistiu de nada, porque quer desistir agora” – Então... mas eu chorava... Tudo que eles falavam pra gente não fazer com os alunos, eles faziam com a gente.

Escolha pelo CENEART para fazer o vestibulinho: ...Na verdade, meu pai. Meu pai sempre gostava de influenciar nessas coisas, até na faculdade, também. Na hora de escolher uma faculdade, era sonho dele que eu fizesse na PUC. Nunca quis fazer nada na PUC. Então, eu tive que falar para ele: “Pai, sabe o que é? É uma faculdade muito católica, não sei o quê...” Ai, ele começou a desistir, mas ele comprou até o manual... tudo bonitinho... e o CENEART foi a mesma coisa, ele disse: “Já que você quer ser professora, quer fazer o magistério, eu sei que o CENEART é uma escola tradicional, é uma escola muito boa, tal e tal...” Foi ele que fez minha inscrição lá e tudo, eu não fiz outra só lá.

Escolha pelo Magistério:

O magistério sempre foi opção minha, sempre quis ser professora, nunca pensei em outra profissão. Naquela época era por setor: o setor primário, você podia escolher o terciário que era, essa área social, eu não me lembro... eu sei que você tinha..., mas não

falavam exatas, humanas, era outra coisa que eles falavam... Mas, eu sei que eu não me interessei muito, porque eu sempre quis ser professora e fazer o magistério. Então não me interessei muito... mas eu sei que tinha algumas áreas para escolher.

Havia outras opções, outras escolas:

Na verdade, quando fui fazer magistério lá, meu pai chegou falando no CENEART... Porque... assim... eu sempre fui muito dependente, não que eu tenha corrido atrás de uma escola... como eu falava que queria ser professora e tal... ele chegou falando do CENEART... eu não sabia de outras escolas, eu soube depois que vi que era difícil o relacionamento com os professores, aí sim, que procurei... mas tem um tal lugar... em tal lugar..., mas por mim mesma, eu não sabia de outras escolas, não conhecia nada.

Não há lembrança de como funcionava o vestibulinho, mas sobre o curso de Magistério:

Saí de lá em 1985... é de 82 a 85, foi a época que estudei lá. Quanto ao curso, eu não consigo me lembrar de muitas coisas assim... que possam ter sido úteis ou servir para o meu trabalho, porque eu sempre falo que quando as pessoas falam que depois que fez o magistério, foi fazer Pedagogia e era tudo repetição. Para mim, Pedagogia não foi repetição do magistério, porque eu me considerava muito imatura quando fiz o magistério; me achava muito nova para entender certas coisas. Para saber, realmente o que eu queria, entender algumas teorias, algumas coisas, eu acho que era muito... muito... bobinha naquela fase. Quando fiz a faculdade, eu acho que eu aprendi muito mais... porque aí eu acho que já estava preparada, ou ... não sei... Sei que quando fiz o magistério eu não estava muito preparada para tudo aquilo e... os professores não colaboravam muito também, né... Eles passavam para a gente uma visão de que a gente nunca ia ser capaz, nunca ia conseguir. Aquelas provas dissertativas que eles davam que parecia que você tinha que entrar na mente deles para saber responder a prova... e não entender o que eles falavam porque, na verdade, o que eles falavam a gente não entendia nada (risos). Eles falavam, falavam, falavam e nada. Tinha uma professora que eu gostava muito, mas eu não me lembro o nome dela, que era de psicologia. Foi na época que eu me identifiquei muito com psicologia, até se eu não tivesse feito Pedagogia, eu faria Psicologia. Como entrei em Pedagogia, na época, eu acabei não pensando mais em psicologia. Mas eu gostei demais... eu ia muito bem na matéria dela. Ela me chamava e dizia: “Puxa, mas eu gosto tanto de suas respostas, parece que você entende o que falo”. Me identifiquei muito com Psicologia, mas as outras, nenhuma. Arte, o professor de artes... ele era perfeccionista, nada que eu fazia estava bom para ele, os cartazes ele reclamava: um acento, que as letras estavam juntas demais, que estavam separadas demais, que não dava para entender o cartaz, que estava grande demais. Tudo ele colocava defeito, tudo. O professor de geografia, eu também tive problemas e aliás, essa disciplina não era complicada de se fazer no magistério e..., ele parece que tentava fazer de forma agradável, pensando agora, ela fazia umas perguntas que pareciam trocadilhos para a gente achar uns lugares lá do mapa, não conseguia achar aquilo..., hoje, eu acho que devia ser fácil do jeito que ele fazia, mas eu não entendia nada, era mais ou menos assim: ... não sei o que lá, fulano foi viajar e deixou os filhos com a (sogra). Era para a gente procurar e achar a sogra no mapa. Imagine se eu achava sogra naquele mapa com as coordenadas. Então, eu não me lembro: a matemática foi uma disciplina horrível, mas não foi fugindo da matemática que eu fui fazer o magistério, pois no segundo ano não tinha mais. E as disciplinas voltadas para didática, as professoras eram terríveis, não dá para você dizer que aprendeu alguma coisa com elas, porque elas ficavam te perseguindo, o tempo todo, tudo o que você fazia (...). Paulo Freire..., hoje eu não lembro nada..., eu não agüento Paulo Freire, não me venha falar que ele era bom para mim... Por que? Porque tinha que ler aqueles livros que a gente não

entendia nada, tinha que fazer o resumo, e entregava, e vinha a nota baixa, e você continuava sem entender nada... E aí? Educação como prática da liberdade? Cuidado escola? O que eu gostei de ler lá e me identifiquei bastante era Rubem Alves, esse eu gostei... foram livros que eu li lá e gostei, mas Paulo Freire, até hoje... quando a prefeitura fez contrato com o Instituto Paulo Freire, eu pensei: “Ai, meu Deus! Eu não agüento escutar esse homem...”

E as pessoas que procuravam o curso, como eram?

Eu acho que a maioria das pessoas tinham um bom... eu acho que vinham até de uma classe média, eu acho que eu vinha de uma classe mais baixa que os outros de lá, pelas conversas, até mesmo pela moradia, tinha muita gente que morava ali no centro mesmo, as meninas que moravam naquele conjunto Hervy, pertinho do “Antiório” ali atrás, pessoal de Presidente Altino, eu vinha da periferia, vinha do Helena Maria, eu acho até que eu vinha de mais longe. Tinha uma ou outra que vinha de Carapicuíba, Barueri, estes lugares mais distantes, mas a maioria, até quando a gente se reunia para fazer trabalhos, era pessoal de Presidente Altino, da Hervy, tinha uma que morava na rua Salem Bechara, pessoal ali do centro, tinha filhas de advogado, de gente que trabalhava no Bradesco e tinha um bom cargo no banco, tinha gente que era filha de diretora de escola estadual, pai que era dono de farmácia, eu acho que eu era a mais pobre da turma.

E quanto aos rapazes?

Nenhuma série que eu estudei lá tinha rapazes, eu não me lembro do primeiro ano, do básico. Não tinha meninos, só meninas.

Como era a relação entre alunos?

Entre os alunos era aquela coisa de adolescente, mesmo, de turminha, eu me lembro que quando tinha problemas mesmo, em relação aos professores, às provas que todo mundo esta indo mal e tal... a gente não tinha consciência de grupo, sala, era muito cada grupinho defendendo o seu, só. E nessa idade de adolescência sempre aparecia aquela rivalidade, uma vez uma menina falou assim pra gente: “Ah, eu achei que vocês eram muito chatas, porque vocês são do grupo das magras e altas” (risada) “Ah... é?” “É... eu via vocês passando assim... vocês são o grupo das magrelas e altas!”. Eu nunca tinha imaginado isso, mas isso já no quarto ano, no final... uma garota comentou... Então, às vezes também, algumas dificuldades de relacionamento que nós tínhamos entre os alunos, é que na minha sala tinha uma diferença de idade bem grande, embora tivesse uma maioria adolescente nem sempre na faixa certa, mas tinha algumas donas de casa já... tinha uma que ela era formada em direito. Ela comentou no primeiro dia de aula que era sonho do pai dela que ela fizesse faculdade de direito, ela fez a faculdade, pegou o diploma deu para o pai e disse: “Era isso que você queria, e agora vou fazer o que eu quero.” Matriculou-se no magistério, mas ela já era uma pessoa formada, então tinha essas diferenças de idade, tinha aquelas donas de casa que deixavam o filho em casa e ia estudar, não se davam com as conversas das adolescentes, achavam que a gente não estava levando as coisas a sério, que só estava brincando, que não queria saber de nada, que estava atrapalhando elas de aprender, tinha essas histórias. Metade da sala estava na idade certa.

Como era o curso e o estagio?

Quando eu estudei não havia as práticas separadas, era só didática que dava conta de tudo, tinha Sociologia da educação... Psicologia da educação... No quarto ano, todo mundo se desesperou porque tinha uma professora que dava aula de sociologia e didática e era terrível...

O estágio, a professora de didática orientava. Na escola tinha uma sala de pré-escola, nós fazíamos estágio nessa sala uma vez, porque a professora marcou, mas estágio mesmo, nós tínhamos que procurar fora, mas segundo o que elas diziam, a escolha da escola tinha alguma coisa haver com o seu endereço. Eu nunca consegui fazer estágio no CENEART, só essa vez que fomos visitar a Pré-Escola. Na época que eu fiz o quarto ano, ele era voltado para a educação infantil. Agora orientação para estágio, eu não me lembro de nenhuma, lembro que a gente tinha que fazer uma pasta lá..., com os relatórios que fizéssemos que eram estágios de observação, mas cada um pegava uma carta de encaminhamento e ia perto de casa. A regência era por sorteio, na nossa sala mesmo, você dava, como se estivesse numa sala com crianças, mas era com seus colegas de classe e a professora de didática assistindo. Fora eu não me lembro de ter feito regência.

Outra coisa que existia era que o Estado dava uns cursos, chamava Projeto Ipê, esses cursos eram temáticos, tinha o de matemática, o de português e valeu como estágio na época, se você fizesse o curso. As aulas eram de sábado, alguma coisa assim, e depois com o certificado valia o estágio. Eu sei que eu fiz um monte desses cursos, aí eles eram uma metodologia específica, eram mais voltados para a matemática.

Não há lembranças sobre mudanças curriculares no decorrer do curso enquanto esteve na escola. Quanto a participação dos alunos na escola:

Não havia muita movimentação, era mais aquelas coisas de adolescentes: contra o uniforme, contra a carteirinha... Mas voltado para a educação, para algo social mesmo, para o ensino... não existia nada, nós só chorávamos e reclamava dos professores, mas não fazia nada com medo que elas perseguissem a gente.

Não há lembrança também sobre alguma atuação do Grêmio e sobre a visão do CENEART na comunidade:

Tinha uma boa fama. Meu pai escolheu porque achava que era uma boa escola, tanto que, quando eu falava pra minha mãe que eu queria mudar, ela falava: “Ah... mas ela é a melhor escola... o Campesina não é tão bom... o outro não é tão bom quanto o CENEART... O CENEART é o melhor...” E os professores, embora eles fizessem tudo isso com a gente, eles, na verdade, passavam a fama de que faziam tudo isso para manter o nível da escola, o padrão da escola. Era gente que estava abaixo do padrão, a escola era tão boa e a gente não conseguia chegar ao nível da escola. A impressão que a gente tinha, era que o ensino era muito bom, era a gente mesmo que era incapaz.

Quanto ao mercado de trabalho. Havia procura por pessoas que estudassem no CENEART?

Eu nunca percebi isso, pra trabalhar não... nem em relação ao CENEART, nem em relação à faculdade. Quando eu estava no quarto ano, eu tinha uma amiga que trabalhava numa escolinha perto de casa e ela precisou sair para casar, a dona fez uma enorme pressão: “Ah, eu te libero, se você conseguir alguém para te substituir porque você vai me deixar no meio do ano.” Ela conversou comigo: “Você não trabalha, mora pertinho...” Nós nem éramos tão amigas, inclusive eu era do 4º B e ela do 4º A, mas ela morava em uma rua paralela à minha e sabíamos que estudávamos na mesma escola, mas nunca fizemos trabalho junto. Ela então perguntou se eu não queria trabalhar lá, se eu não fazia esse favor a ela e tal. Eu me lembro que fui trabalhar nessa escolinha e como eu era menor de idade, eu ia fazer 18 anos em maio. Eu sabia que não ia poder entrar na escola pública, eu ia ter que começar em algum lugar assim. Eu comecei nessa escolinha, fiquei lá um ano e pouquinho. Quando eu me inscrevi para trabalhar na escola estadual, que demorou um pouco porque eu precisei esperar até completar 18 anos, todo mundo já estava em seus lugares. Eu entrei no

ano seguinte, em setembro, fiz a inscrição, na época, na Delegacia de Ensino e fui chamada para ser estagiária remunerada e fiquei quase dois anos. Então, nunca ninguém me perguntou se eu era do CENEART, que curso eu tinha.

E curso superior...

Então, eu perdi contato, mas o que minhas amigas falavam é que iam parar porque todo mundo achou muita pressão no curso, então todo mundo queria descansar, não era plano de ninguém continuar. Eu sempre falei que ia fazer Pedagogia, na época tinha essa história de escolinha, fiz Pedagogia pensando em abrir uma escolinha. Eu falava: “Foi pressão, foi difícil, foi complicado, mas eu vou emendar uma coisa na outra porque se eu parar eu não volto mais. Agora a Keila que é uma grande amiga, parou um ano e depois fez Psicologia. A Érica, parou e depois fez Letras, uma outra casou e ficou só com o magistério. E algumas outras fizeram Pedagogia, mas depois.

Sua trajetória após o curso de formação de professores:

Fiquei em uma escolinha durante um ano e meio, depois fiz inscrição e entrei no Estado, fiquei o resto do ano na escolinha e no Estado, saí da escolinha e fiquei no Estado. Apareceu o concurso da prefeitura e desistiu do Estado porque era só, um tipo de estágio. Entrou na Prefeitura de Osasco, apenas como contrato, em seguida, veio o concurso de efetivação e ficou efetiva da Prefeitura. Depois veio o concurso do Estado e ficou efetiva no Estado e continuei nos dois paralelos até 2002, quando com a municipalização, o Estado começou a fechar o cerco e como ela tinha os dois praticamente com a mesma época, ela preferiu prestar outro concurso na prefeitura e ficar com os dois cargos só na prefeitura levando o tempo do Estado.

Quando prestei a faculdade, fiz no Mackenzie e na Campos Sales. No Mackenzie descobri que a grade era de quatro anos e apenas de manhã e eu queria trabalhar. Escolhi o Campos Sales por ser a noite e o curso de apenas três anos. Passei no Mackenzie e tudo, mas também era mais longe, a Campos Sales era na Lapa... pertinho, só era preciso um ônibus. Fiz na Campos Sales. Com vinte anos tinha terminado a Pedagogia. Deveria ter entrado logo na Psicologia como queria, mas demorei e depois casei. Comecei um curso de Psicopedagogia, mas não terminei, mas esse ainda vou fazer.

Relato I

Depoimento gravado (gravador digital) de diretora da escola, realizado na Escola Estadual “Antonio Raposo Tavares” – local de trabalho – em 19 de janeiro de 2010.

Nossa nona colaboradora, iniciou seus estudos aos oito anos de idade no Grupo Escolar “Larizatti”, era moradora de Osasco, seu pai autônomo e sua mãe “do lar”. Nesta escola fez de 1^a. a 4^a. séries. Após a quarta série, cursou o quinto ano na Escola Estadual “João Kopk” e posteriormente, alguns meses de maturidade ginásial. Enquanto isso fez o Curso de Prática Comercial durante dois anos.

Depois dessas idas e vindas, ingressou na quinta série do ensino fundamental com o advento da Lei 5692/71, na Escola Estadual “Américo Marco Antonio”. Após a conclusão do Ensino Fundamental ingressou no Colégio “Nossa Senhora da Misericórdia” (Magistério). Em seguida iniciou o curso superior em Comunicação nas Faculdades “Alcântara Machado”, tendo cursado dois anos de jornalismo. Interrompeu o curso para iniciar o de Estudos Sociais que era no seu campo de atuação: “...já era normalista... já era formada aliás no curso de

Magistério e me formei em Estudos Sociais – Licenciatura curta – depois tinha que escolher geografia ou história para completar a licenciatura. Porém, eu não fiz isso, porque depois que fiz Estudos Sociais, eu resolvi fazer Pedagogia. Fiz Pedagogia na “Campos Sales”, três anos. Eu não me interessei mais por Geografia e História, pois logo que terminei a Pedagogia, eu prestei concurso para diretora de escola, e já segui outro rumo, mas cheguei a dar aula de história e geografia em escola pública. Dei aula em escola pública quando eu era titular como PEB I¹, lembra que eu falei pra você..., que eu passei no concurso de PEB I, atuei em Carapicuíba e depois voltei para Osasco e atuei como PEB II naquela época, dei aula de Estudos Sociais, História e Geografia... prática comercial, dei muita reposição de aula, mas isso foi mais voltado para o magistério. Depois que eu fiz Pedagogia, passado um tempo, eu voltei para faculdade e fiz... Supervisão escolar, porque meu curso de Pedagogia era só na área de Administração Escolar. Aí, estudei na “Carlos Pasquale”, no Braz, ia todo sábado lá. Era curso presencial. Fiz supervisão escolar, um ano.(...) Mais recentemente, fiz o curso de Direito na UNIFIEO(Centro Universitário Fundação e Instituto de Ensino para Osasco), me formei em 2003 – Bacharel em Direito.

Retomando a trajetória profissional, trabalhou como PEB II, em história, geografia, estudos sociais “...depois dei aula de educação moral e cívica, OSPB, Prática Comercial, isso e aquilo... depois fui trabalhar como vice-diretora, no final de 1986... aí já fiquei mais na parte administrativa. Logo passei no concurso para diretor e ingressei em 1991, como diretora da Escola Estadual do Jardim Cipava (Osasco). Na época era Jardim Cipava, ainda não era Oscar Penaccino. (...) Fiquei lá dois anos, já tinha sido vice antes e ingressei La mesmo e fiquei mais dois anos. Depois fui removida para o Quintino Bocaiúva no Jardim Novo Osasco, acho que foi 1993 que me removi. Fiquei lá cinco anos até 1998/97 e fiz cinco anos na supervisão: fui para substituir 45 dias de supervisão e fiquei cinco anos. Em 2003 eu vim prá cá – CENEART, o meu cargo já era aqui, já tinha sido removida para cá enquanto eu estava na supervisão meu cargo já era daqui. Já tinha me removido pra cá, porque lembra quando teve essa modificação do ensino: escola do ensino fundamental, escola do ensino médio, não teve essa separação? No tempo da Rose Neubauer acho... aí... não..., quando começou o processo de municipalização, na verdade, estavam falando que lá ia municipalizar e a única escola que tinha disponível o cargo era essa aqui, então me removi pra cá. Mas fiquei cinco anos na supervisão então quando vim prá cá, meu cargo já era daqui, há muitos anos, eu estava sendo substituída. Então eu vim pra cá em meados de 2003 e estou aqui agora. Isso foi quando teve concurso para supervisor, teve ingresso e então as pessoas que estavam lá substituindo tiveram que voltar para suas escolas, teve um remanejamento de pessoal, eu vim pra cá nessas condições.

Em relação ao curso Normal, “... o curso Normal, na verdade, quando eu vim prá cá em meados de 2003, o curso teve o quê? Teve vida só de um anos e meio só... na minha gestão, até o final de 2004. Ele era estruturado em quatro anos... não era? Bom, eu não entendi o que você quer saber sobre estrutura do curso. De forma geral, tinha o CEFAM que também formava professor. Depois do advento da nova lei, o que passou a ser exigido? Pedagogia. Então, o curso normal..., vamos dizer assim... ficou meio sem sentido a pessoa fazer o curso normal... não é?... profissionalmente... e depois ter que fazer pedagogia mesmo, sendo que a pedagogia já dava habilitação para lecionar no magistério, não è?... então, foi

¹ PEB I – hoje, em São Paulo, é a designação para professor de Educação Básica para atuar de pré-escola ao 5º. ano e PEB II – professor de Educação Básica para atuar no Ensino Fundamental.- ciclo II e Ensino Médio, formado com Licenciatura Plena. Antes da LDB 9394/96 a designação era P I para professores de pré-escola a 4ª. série; P II para professores que atuavam de 5ª. a 8ª. série formados com Licenciatura Curta e P III para atuar de 5ª. a 8ª. série e 2º. Grau formados com Licenciatura Plena.

essa modificação que teve assim... eu acho. E até o CEFAM foi também extinto, ficou sem sentido na mesma época... com a mesma “canetada”. (...) Você sabe que a escola pública estadual... vamos dizer assim... a modalidade de primeira a quarta, estava passando para a municipalização, então uma coisa está ligada a outra, não é? O município passou a ter a incumbência de atuar de 1^a. a 4^a., de 5^a. a 8^a. ficou mais a cargo do estado. Se bem que, tem algumas escolas com 1^a. a 4^a., com ciclo I, ainda, no estado, mas elas estão em processo de extinção”.

Quanto a clientela: “... pelo que me lembro, neste um ano e meio... eu acho, era uma clientela de alunos com idade mais avançada parece, na era? Tinha umas senhoras, com mais idade já... talvez, pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na época certa e viram no magistério uma escapatória... para se formar em alguma coisa. As pessoas buscam melhorar. Então eu achei, a clientela era de alunos fora da idade-série”.

Quanto a presença masculina: “...eram muito poucos, mas tinha sim, homens matriculados, dois ou três, na época”.

A relação entre professores e direção: “a relação dos professores do curso normal com a direção eu achava boa. Eu achava assim... que havia uma integração entre o grupo, achava até, que o curso aqui era bom... A relação entre professores e direção era normal, não chegou a ser muito profunda porque foi por pouco tempo. O que deu para perceber era que tinha uma competência profissional e eu achava bom sim. Era uma relação normal”.

Quanto a atuação dos alunos: “...lembro dos eventos que fizemos aqui durante esse ano e meio, eu achava que era boa a participação deles, chegava a participar dos projetos do próprio curso, tinha exposições de várias atividades, eu achava boa”.

Quanto aos professores: “... os professores de cada área (deles), a dedicação era boa, (...) eram professores competentes e alunos interessados”.

Participação dos alunos em movimentos sociais: “...antigamente, os alunos participavam, mas agora de 2000 pra cá... 2003/2004, eu não sentia isso não”.

Quanto ao mercado de trabalho: “... eu acho que antes o mercado era mais aberto, da década de 2000 pra cá, começou a se fechar um pouco, com essa modificação toda, na própria estrutura da Secretaria da Educação. Eu acho que os alunos formados no magistério em 2003/2004, a gente pode até fazer uma pesquisa, onde eles estão atuando? Eu acho que o campo que tinha e ainda tem para quem... assim... para quem for interessado e esperto são as escolas municipais de 1^a. a 4^a. série. Outro dia até, estava falando com uma pessoa que veio aí... que veio adaptada para cumprir um tempo aqui na escola: por que você não prestou concurso, não é? Nas escolas municipais, em Osasco, principalmente. Já teve dois ou três, ultimamente. Que dizer... que a pessoa não se interessou, não foi atrás, entendeu?... de tentar aplicar seu conhecimento, usar seu diploma. Continua com o diploma do magistério... vai atrás!... vai estudar!... tem que ficar se reciclando sempre. O concurso do professor municipal de 1^a. a 4^a. é titular de cargo, vai exercer sua profissão de professor... a gente percebe que poucas fizeram isso!(...) Mas, que ficou mais difícil ficou, antes tinha mais oportunidades. Eu comecei a trabalhar e já prestei o concurso, já passei..., eu achava mais fácil, agora é mais difícil. Agora tem que procurar... não sei também se é difícil ou se houve uma mudança... de 1^a. a 4^a. sempre vai ter, acho... saiu do Estado, passou para a competência do município, não é? Você vê, Barueri já municipalizou de 1^a. a 8^a. séries, já.

Porque, isso está na Lei, o Ensino Fundamental inteiro, só que por enquanto, nem se cumpriu ainda de 1ª. a 4ª., então veja bem, tem escolas de 1ª. a 4ª. por aí? Tem, está cheio! Agora as pessoas que estão se formando tem que procurar o caminho, conquistar o espaço, não podem ficar em casa”.

Quanto os alunos irem para o curso superior: “...eu acho que ficavam com o magistério, pelas informações que eu tenho, algumas pessoas tentaram entrar, mas eu acho que não tinham condições de passar e pagar faculdade, eu conversei com uma ou duas nessa situação, tinham até passado no vestibular, em Pedagogia, mas estavam com dificuldades, não sabiam como pagar, porque até então, não tinham conseguido um trabalho. Eram pessoas com dificuldades econômicas, não é todo mundo que pode pagar faculdade. Agora, eu acho mais fácil, tem o “pro uni”, isso e aquilo, sei lá só não faz faculdade quem não quer. Então, está mais fácil, mas pelas notícias que tenho, que também, eu sou assim, não tendo pesquisas, não tenho dados, parece que a maioria não prosseguiu os estudos, parece que não tinham necessidade pelo menos com as pessoas com quem eu conversei”.

O fechamento do curso: “... são atitudes políticas que não dependem da gente, então foi mudança de foco da Secretaria de Educação, o curso normal foi substituído pela Pedagogia. A Pedagogia dava mais habilitações: para direção, administração, supervisão. Passou a ocupar também, a parte docente, então eu acho que ficou meio sem sentido pela própria propositura da Secretaria de Educação. Acho que foi isso, ficou sem sentido, porque também se investiu muito no CEFAM, por exemplo, você sabe como funcionava o CEFAM, não é?”

O ensino atualmente: “...olha... apesar dos pesares... eu sou uma pessoa positiva, eu acho que eu trabalho no que eu gosto, então eu sempre procuro ver o lado bom da coisa. Se eu for falar da nossa escola, eu estou satisfeita, porque nossa escola é uma das melhores do Estado. Sempre está em primeiro lugar nas avaliações externas de Osasco. É a escola bem procurada e tem um corpo docente maravilhoso, muito bom... eu acho. Às vezes, a gente nem tem oportunidades de falar isso, mas a gente comenta com outras pessoas (...) Eu acho que o ensino em si... precisa melhorar um monte de coisa é lógico, na minha opinião, agora não vamos estender muito, porque para você criticar algo, você tem que colocar uma nova proposta no lugar, eu sempre falo isso, criticar é fácil... qual a proposta para colocar no lugar, porque alguma coisa tem que ser feita. Você lembra quando tinha aquela retenção. O pessoal fala da progressão continuada que é uma promoção automática também. Antes era uma retenção em massa e não se fazia nada para melhorar. O aluno ficava dois, três anos e cursava todo ano a mesma coisa. De repente, fez alguma coisa: progressão parcial, reclassificação, deu uma oportunidade a mais para as pessoas se movimentarem dentro dessa estrutura, que era meio fechada, eu acho que abriu um pouco mais. Muitas pessoas que pensavam que não teriam oportunidade estão tendo. Então eu acho que nesta parte de mobilidade, de oportunidades melhorou. Agora o que precisa melhorar muito, é a qualidade, entendeu? A qualidade de que eu falo, é a qualidade dos recursos humanos, profissionais, quando eu falo ensino, eu não falo só de professor, eu falo de todo mundo: de funcionários, de direção, de supervisão, de todo mundo. As pessoas tem que abrir a mente para as coisas. Agora... tem que ir devagar também, só postura política partidária não resolve. Eu acho que tem que ir devagar e testando, isso é modo de dizer, entre aspas, porque educação não se testa, mas assim... de repente, vem uma nova proposta e as pessoas querem tudo rápido, sem estudar, sem parar para pensar, entendeu? Às vezes, parece que nenhuma proposta serve, vamos trabalhar. A estrutura... eu acho, na minha opinião, na parte curricular, eu acho bom, porque estava muita bagunça, cada escola tinha uma grade. O aluno fica como? Dentro

dessa estrutura? Às vezes, o aluno se transfere da série na mesma escola, de um período para outro, a grade era diferente, não é? Ele faz filosofia de manhã e a noite não tem, como é que fica? Você entende? É complicado. Quando o aluno vem de outra escola, aqui mesmo outro dia, não tinha sociologia e nem filosofia no primeiro semestre. Agora, ele veio pra cá, ele é culpado disso? Ele vai fazer adaptação! Adianta ele fazer um monte de trabalho de uma coisa que ele não teve, não sei.... Essas questões tinham que ser esclarecidas, ele vai fazer adaptação do que não teve ou ele vai ter a média dos bimestres que frequentou? Tem muitas perguntas no ar, quanto a grade. Então eu acho, o currículo unificado para a escola pública do Estado de São Paulo, eu achei uma boa, sinceramente. Tem que ter um currículo único, porque assim... autonomia até certo ponto, porque de repente, as pessoas se perdem, ninguém sabe o que é autonomia, acham que é para fazer o que quer, não é? Tem que ter uma diretriz, uma norma a seguir, básica, não é? Cada um depois monta sua escola, seu ensino de acordo com as peculiaridades, não é? Do local, da própria escola. Prova disso é o calendário escolar, vem a normatização e você vai montar conforme suas características, vem sugestão da diretoria, agora você não pode ferir as normas gerais, lógico que não, senão vira bagunça. Como a história da democracia, o que é democracia? Tem gente que pensa que é para fazer tudo, que democracia... pra mim, eu posso fazer tudo, essa é a democracia? Como é que faz? Quando começam invadir o seu espaço? Já não é mais democracia, virá bagunça não é? Você entende? Então, eu acho assim..., tem que ter uma diretriz, a questão do currículo, eu achei ótimo para o Estado de São Paulo. Agora... não é só isso, tem outras coisas abertas. A questão disciplinar, eu acho que a sociedade mudou muito, a escola está tentando se adequar a essas mudanças sociais, para você ver... a família de antigamente era uma, a família de hoje é outra, completamente diferente... quem ficar esperando que está trabalhando com o aluno de antigamente com a mesma família, está perdido: 'Ah, eu quero falar com a mãe, com o pai'..., não tem pai e mãe, a família está, não sei se é o termo certo, desestruturada, mas é um outro tipo de família (...) a família nunca vai acabar, é um outro tipo de estrutura. A escola tem que entender isso, mudou... se falar: 'Ah... a família não acompanha'. Tudo bem, qual família não acompanha? Você tem que pensar na família que o aluno tem, você não pode desistir do aluno porque ele não tem uma família do jeito que você quer ou do jeito que você teve ou não teve, é a família que ele tem. Eu acho que nós da educação, nós temos que fazer o nosso melhor e procurar sempre a melhoria profissional. Competência profissional é uma coisa que eu não abro mão, não misturar as coisas, sabe... competência profissional, responsabilidade, compromisso profissional é uma coisa, as outras coisas são outras coisas. Lógico você tem que ter competência, compromisso, responsabilidade pra você fazer um bom trabalho na sua área”.